

Jaqueline Vivan

**As estratégias de correção sob perspectiva da Gramática Discursivo-
Funcional**

São José do Rio Preto
2022

Jaqueline Vivan

**As estratégias de correção sob perspectiva da Gramática Discursivo-
Funcional**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Sandra Denise Gasparini Bastos

São José do Rio Preto
2022

V855e Vivan, Jaqueline
As estratégias de correção sob perspectiva da Gramática
Discursivo-Funcional / Jaqueline Vivan. -- São José do Rio Preto,
2022
86 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto
Orientadora: Sandra Denise Gasparini Bastos

1. Correção. 2. Gramática Discursivo-Funcional. 3. Espanhol. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Jaqueline Vivan

**As estratégias de correção sob perspectiva da Gramática Discursivo-
Funcional**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
UFMS – Câmpus de Três Lagoas

São José do Rio Preto
12 de dezembro de 2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir a realização e a conclusão deste trabalho e por todas as coisas proporcionadas até o momento em minha vida.

À minha orientadora, Sandra Denise Gasparini Bastos, pelas aulas incríveis de espanhol ministradas durante a graduação, que despertaram meu interesse pelo idioma, e também por ter me concedido a oportunidade de crescimento pessoal e profissional por meio da realização deste trabalho. Agradeço a ela não só pela paciência durante todo esse percurso, mas também pela ajuda presente em todos os momentos. Sem a presença constante dela, nada seria possível.

Ao professor Roberto Gomes Camacho, por sua orientação e ajuda durante minha Iniciação Científica.

Aos professores Michel Gustavo Fontes e Edson Rosa Francisco de Souza, membros da banca de Qualificação, por terem aceitado o convite para formar a comissão examinadora e por todas as contribuições dadas, que propiciaram o aperfeiçoamento do trabalho.

Ao professor Juliano Desiderato Antonio, por ter aceitado o convite para ser suplente da banca de defesa.

À professora Talita Storti Garcia, não só pelas aulas maravilhosas de espanhol ministradas durante a graduação, mas também por ter aceitado o convite para ser suplente da banca de defesa.

Ao professor Celso Fernando Rocha, por suas aulas de espanhol, que me permitiram aprender muito durante o primeiro ano da graduação, e por ter me apresentado o caminho da Iniciação Científica.

À professora Beatriz Goaveia Garcia Parra, por todos seus ensinamentos referentes à Gramática Discursivo-Funcional e por estar sempre presente durante esse percurso.

À Nathalia Pereira de Souza Martins, por toda sua ajuda, fundamental para que eu pudesse ingressar no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

Às minhas amigas de graduação, Bárbara Augusto Paschoal e Pâmela Coca dos Santos Ramos, pela amizade e companheirismo e também por todos os compartilhamentos que me fizeram crescer durante a graduação.

À minha família, em especial, à minha mãe, Lúcia, e ao meu pai, Néelson, que sempre me incentivaram durante esse percurso e me deram forças para prosseguir.

Aos meus tios Vera e Rubens, por estarem sempre presentes em minha vida e à minha tia, Antônia Maria, por sempre ter ajudado a mim e a minha família, o que foi fundamental para que eu pudesse me dedicar aos estudos durante a adolescência.

Ao meu namorado, Giovani, por ter me incentivado e ajudado muito durante o período em que o trabalho foi desenvolvido.

À minha amiga de infância Daniela Poletto, por, desde o Ensino Fundamental, que cursamos juntas, ter me ajudado em minhas dificuldades e me feito acreditar que eu seria sempre capaz de realizar meus sonhos.

Às minhas amigas Ana Eliza, Carolina, Daiane, Alice, Jéssica, Ana Luiza e Cíntia, por terem tornado essa trajetória mais leve por meio de momentos compartilhados e pelas palavras amigas durante essa trajetória.

À UNIVESP, Universidade Virtual do Estado de São Paulo, por ter me concedido bolsa durante um longo período da Pós-Graduação.

RESUMO

Considerando a correção como uma espécie de reformulação de um enunciado anterior (cf. FÁVERO, 1999), este trabalho tem por objetivo verificar os diferentes tipos de estratégias de correção presentes na conversação em espanhol e os contextos em que essa reformulação pode servir à expressão da (des)cortesia linguística. Para tanto, analisaremos as ocorrências de correção em dados do espanhol peninsular falado encontradas nas entrevistas orais do PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*), pertencentes às cidades espanholas de Granada e de Valência. Consideramos que as estratégias de correção podem se relacionar com a cortesia, na medida em que procuram facilitar a interação entre falante e ouvinte e dar prosseguimento à conversação, evitando conflitos entre os interlocutores, conforme previsto por Alvarez (2002). Por outro lado, a correção também pode servir à expressão da descortesia, quando é feita de maneira mais incisiva e menos polida. A pesquisa realizada, de natureza funcionalista, apoia-se no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), que prevê uma integração entre quatro níveis diferentes de análise, hierarquicamente organizados: o Nível Interpessoal (destinado à pragmática), o Nível Representacional (destinado à semântica), o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico. Dentro desse modelo, a correção tem sido descrita como função retórica que atua no Nível Interpessoal, o qual, segundo Keizer (2015), trata das atitudes tomadas pelo falante para realizar sua intenção comunicativa. No presente trabalho, também procuramos explicitar as diferenças entre correção e esclarecimento e a relação de ambas as estratégias com as funções retóricas previstas por Keizer (2020).

Palavras-chave: Correção. Gramática Discursivo-Funcional. Espanhol.

ABSTRACT

Considering correction as a kind of reformulation of a previous utterance (cf. FÁVERO, 1999), this work aims to describe and analyze the different types of correction in spoken Peninsular Spanish in order to verify the role they play in communication and how they can contribute to the interaction between the participants of the interaction. In order to perform the analysis, we start from the treatment given to correction within a textualinteractive perspective and verify how the cases we conceive as correction can be described within the functionalist theoretical model of Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), which underlies our research proposal and consists of four hierarchical analysis levels: the Interpersonal (pragmatic) Level, the Representational (semantic) Level, the Morphosyntactic Level and the Phonological Level. The more general objective of the research unfolds in more specific objectives, such as (i) establishing the characteristics that distinguish correction from other strategies eventually marked by the reformulation or replacement of a previous element, such as paraphrase and hesitation; (ii) verifying whether the cases commonly treated as correction within the textual-interactive perspective can be treated as a rhetorical function in the Functional Discourse Grammar model; (iii) verifying, among the cases that are configured as a rhetorical function at the Interpersonal Level, whether there is any distinction between the rhetorical function Correction and the rhetorical function Clarification, based on the rhetorical functions predicted by Hengeveld and Mackenzie (2008) and refined by Keizer (2020). By associating correction with face-saving strategies, we also intend (iv) to verify in which contexts correction strategies can protect or damage the image of interaction participants, acting as an expression of linguistic politeness or discourtesy. In order to perform the analysis, we adopted a corpus composed of oral interviews from the PRESEEA Project (Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América), from the Spanish cities of Granada and Valência.

Keywords: Correction. Functional Discourse Grammar. Spoken Spanish.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA

Figura 1.	A arquitetura da GDF	35
-----------	----------------------------	----

QUADRO

Quadro 1.	Tipos de correção.....	79
-----------	------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
 1. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: A CORREÇÃO	
LINGUÍSTICA	13
1.1. Caracterização da correção	13
1.2. Os tipos de correção.....	20
1.3. A correção e as estratégias de preservação da face	24
1.4. A correção e a expressão da (des)cortesia.....	27
 2. O MODELO TEÓRICO DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL E O	
TRATAMENTO DA CORREÇÃO LINGUÍSTICA	32
2.1. A corrente teórica funcionalista	32
2.2. O modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional	33
2.3. As funções retóricas no modelo da GDF	39
2.3.1. A função retórica Correção.....	42
 3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	45
3.1. O modelo teórico adotado	45
3.2. O corpus.....	46
3.2.1. O gênero entrevista	47
3.3. Os fatores de análise adotados	47
3.3.1. A origem da correção.....	49
3.3.2. A natureza da correção	50
3.3.3. A abrangência da correção.....	51
3.3.4. O papel do ato reformulador.....	52
3.3.5. A correção como estratégia de preservação da face	53
3.3.6. A correção como expressão da (des)cortesia.....	54
3.3.7. Os elementos marcadores de correção.....	56
 4. ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DE CORREÇÃO.....	57
4.1. Caracterização geral dos dados.....	57
4.2. Análise da correção de acordo com os fatores estabelecidos	57

4.2.1. A origem da correção...	58
4.2.2. A natureza da correção	61
4.2.3. A abrangência da correção...	62
4.2.4. O papel do ato reformulador.....	66
4.2.5. Os elementos marcadores de correção.....	70
4.2.6. A correção como estratégia de preservação da face	72
4.2.7. A correção como estratégia de (des)cortesia...	73
5. As alterações do grau de modalização	76
6. Síntese	78
 CONCLUSÕES.....	 80
 REFERÊNCIAS	 83

INTRODUÇÃO

De modo geral, conforme Fávero (2005), a correção é um fenômeno da conversação que ocorre no momento em que se observam “problemas” após a formulação de um enunciado e tem como objetivo a resolução desses “problemas”, que se dá por meio da reformulação do enunciado anterior. Dessa maneira, ainda segundo a autora, a correção é um processo de formulação retrospectiva, uma vez que o enunciado reformulador tem como escopo o enunciado anterior, chamado de enunciado fonte.

Tal definição, que se insere numa perspectiva textual-interativa, está baseada no trabalho de Gulich e Kotschi (1987), que concebem a correção como um ato de reformulação textual, o qual visa a facilitar ao ouvinte o reconhecimento da intenção comunicativa do falante, de modo a gerar a compreensão entre ambos. Com base na ideia da intercompreensão, Fávero (2005) destaca que a correção tem uma função predominantemente interacional, uma vez que o falante e o ouvinte, juntos, participam da construção textual.

Conforme Alvarez (2002), a correção pode servir também para preservar ou prejudicar a autoimagem do falante ou a imagem do ouvinte, configurando-se, assim, como uma estratégia de cortesia ou de descortesia linguística. No primeiro caso, o falante se corrige ao observar que um enunciado pode comprometer a si mesmo ou ao outro (autocorreção); no segundo caso, o próprio ato de correção por parte do falante ao ouvinte pode ser interpretado como descortês (heterocorreção).

A relação entre a correção e a (des)cortesia linguística chamou nossa atenção, pois inicialmente buscávamos investigar elementos linguísticos que poderiam servir à expressão da (des)cortesia linguística em língua espanhola e a correção se apresentou como uma estratégia possível.

Outra razão que despertou nosso interesse pelo tema é a dificuldade de se delimitar o que de fato é uma estratégia de correção. A ideia de que a correção de alguma maneira reformula um enunciado pode gerar certa sobreposição com outros fenômenos comumente observados na conversação e também estudados amplamente de uma perspectiva textual-interativa, como a paráfrase e a hesitação. Vejamos um exemplo de cada caso:

(01)

E: Mm ¿t(e) acuerdas del día de tu Primera Comunión? I: Sí.

E: A ver cuéntamelo.

I: Pues fue un día treinta y uno de **marzo**// y/ o **mayo**/ **mayo**/ **mayo**/ y tengo mu(y) buenos recuerdos (PRESEEA_GRANADA_H31_01)

(E: Você se lembra do dia da sua primeira comunhão? I: Sim.

E: Me conte.

I: Foi em um trinta e um de março, maio, maio, e tenho muito boas recordações)

(02) Y yo recuerdo/cuando e-**el mercado** no existía// **lo que es el edificio me refiero** (PRESEEA_VALENCIA_MC132_96)

(E eu lembro quando o mercado não existia, me refiro ao que é o prédio do mercado)

(03) y luego hay bueno planteamientos/ de tipo más/ ético o si que quiere/ pues no sé/ o social o incluso utilizando **un- una** palabra/ venida a menos y que nunca le he tenido particular simpatía/ ideológico ¿no? (PRESEEA_VALENCIA_HC033_97)

(e logo há boas propostas de tipo mais ético ou, não sei, ou social ou inclusive utilizando um uma palavra a menos pela qual nunca tive particular simpatia, ideológico, não?)

Em (01), vemos um caso típico de correção, conforme tratado por autores como Fávero (2005), em que a informação incorreta (*marzo*) foi substituída por outra (*mayo*). Em (02), temos a substituição do termo *mercado* por uma paráfrase que o explica de maneira mais detalhada (*lo que es el edificio*). Já em (03), a substituição de *un* por *una* marca uma espécie de hesitação, permitindo ao falante reformular seu enunciado enquanto o constrói.

A característica comum entre os elementos selecionados é que eles permitem uma reformulação textual com substituição de um determinado elemento previamente enunciado (*marzo*, *el mercado* y *un*, respectivamente). Assim, a proximidade entre esses elementos nos levou a levantar todas as ocorrências que traziam uma espécie de reformulação com relação a um elemento anteriormente enunciado, numa tentativa de delimitar melhor a correção.

Interessados, então, em colaborar com os estudos existentes sobre correção no espanhol falado, nossa língua de estudo, buscamos associar a descrição dessa estratégia, comumente feita a partir de uma perspectiva textual-interativa, a uma perspectiva teórica mais abrangente, que prevê diferentes níveis de análise, como ocorre com as teorias funcionalistas. Assim, adotamos para a investigação o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), que prevê quatro níveis integrados de análise linguística: o Nível Interpessoal (pragmático), o Nível Representacional (semântico), o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico.

De acordo com o modelo teórico da Gramática Discursivo Funcional, a correção é tratada como uma função retórica chamada de Correção ou Esclarecimento, que atua no Nível Interpessoal. Porém, nem todas as estratégias que são tratadas como correção de uma

perspectiva textual-interativa parecem corresponder a uma função retórica no modelo. Nosso intuito, portanto, é verificar se e como tais estratégias podem ser descritas dentro do modelo.

Tendo em vista a importância do papel da correção para o desenvolvimento da comunicação, o presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar os diferentes tipos de correção (incluindo casos eventualmente interpretados como paráfrase e hesitação) no espanhol peninsular falado, a fim de verificar o papel que exercem na comunicação e quais são os elementos que se relacionam aos diferentes tipos de correção.

Como objetivos específicos, pretendemos:

- estabelecer as características que separam a correção de outras estratégias marcadas pela reformulação ou substituição do enunciado anterior, como, por exemplo, a paráfrase e a hesitação;
- verificar, entre os casos de correção identificados, quais podem ser considerados casos de função retórica que atuam no Nível Interpessoal, conforme postulado pela Gramática Discursivo-Funcional;
- verificar, entre os casos que se configuram como função retórica dentro do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, se existe alguma distinção entre função retórica Correção e função retórica Esclarecimento, a partir das funções retóricas previstas por Hengeveld e Mackenzie (2008) e refinadas por Keizer (2020).

E, ainda, considerando nossa intenção de tentar relacionar a correção à expressão da (des)cortesia linguística:

- verificar em que contextos as estratégias de correção podem proteger ou prejudicar a imagem dos participantes da interação, atuando como expressão da cortesia ou da descortesia linguística.

A fim de descrever e analisar as ocorrências de correção identificadas no corpus, estabelecemos alguns fatores de análise, derivados dos estudos que nos serviram de apoio. Nossa hipótese principal, derivada dos objetivos propostos, é que os diferentes tipos de correção podem servir a funções retóricas distintas dentro da Gramática Discursivo-Funcional, o que nos levaria a propor uma distinção entre Correção e Esclarecimento. Também hipotetizamos que nem todas as estratégias de reformulação tratadas como correção se configuram como uma função retórica.

Uma vez que a correção, seja ela de natureza individual ou colaborativa, é consequência da interação, selecionamos um corpus para o levantamento e análise de ocorrências de correção constituído por dados de espanhol falado, nossa língua de investigação. O corpus selecionado está composto por entrevistas orais semidirigidas extraídas do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*), coordenado pelo professor Francisco Moreno Fernández, da Universidade de Alcalá de Henares, Espanha, e abrange as cidades espanholas Granada e Valência.

Para levar adiante os objetivos da pesquisa, o presente trabalho organiza-se em quatro capítulos. O capítulo 1 dedica-se à caracterização da correção linguística. Nele apresentamos os aspectos que caracterizam a correção e que a diferenciam de outras manifestações na língua falada, como a paráfrase e a hesitação, por exemplo.

O capítulo 2 dedica-se à apresentação da fundamentação teórica desta pesquisa. Primeiramente, apresentamos os conceitos básicos da corrente teórica funcionalista. Em seguida, descrevemos o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), com enfoque nos níveis e camadas que o compõem. Posteriormente, apresentamos brevemente as funções retóricas previstas pela GDF e, em seguida, abordamos, mais especificamente, a função retórica Correção/Esclarecimento, conforme previsto pela Gramática Discursivo-Funcional e também por Keizer (2020).

O capítulo 3 contempla os aspectos metodológicos da pesquisa. Nele, apresentamos a descrição do corpus adotado, os fatores de análise e as hipóteses que norteiam a análise da correção linguística.

O capítulo 4 é composto pela análise dos dados. Primeiramente, oferecemos uma caracterização geral dos dados de correção linguística. Em seguida, apresentamos a análise dos dados de acordo com os fatores de análise adotados, abordando a distinção entre correção e esclarecimento, a partir da separação feita por Keizer (2020), bem como a correção como expressão da (des)cortesia linguística.

Nas conclusões, retomamos os principais aspectos abordados no decorrer deste trabalho e procuramos sintetizar os resultados obtidos com a investigação. Por fim, trazemos as referências bibliográficas que guiaram a presente pesquisa.

1

CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: A CORREÇÃO LINGUÍSTICA

Apresentação

Neste capítulo, apresentamos como a correção tem sido tratada pela perspectiva textual-interativa, abordagem teórica em que é amplamente estudada juntamente com outras estratégias de reformulação textual, como a paráfrase e a hesitação. Mostramos, também, a relação entre a correção e a expressão da cortesia e da descortesia linguística, além dos contextos em que pode haver uma preservação ou uma ameaça à face dos participantes da interação.

1.1. Caracterização da correção

A comunicação, de maneira geral, está sempre permeada de trocas e negociações entre os participantes da interação. No caso das interações orais, que apresentam caráter dinâmico, segundo Barros (1999), a elaboração e a produção coincidem no eixo temporal. De acordo com Koch,

ao contrário do que acontece com o texto escrito, em que o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer um rascunho, proceder a revisões, “copidescagem” etc., o texto falado emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho. (KOCH, 1992, p. 69)

Desse modo, de acordo com Barros (1999), as reelaborações deixam marcas na fala, revelando as reformulações, mudanças de encaminhamento, dentre elas, as correções.

A correção é uma estratégia presente que contribui para a continuidade do processo comunicativo em termos do fluxo informacional. De acordo com Toscano (2001/2002), as correções presentes no texto falado trazem um momento de revelação tanto das versões do texto falado como das relações interpessoais que se constroem no discurso.

Fávero, Andrade e Aquino (1995), com base no trabalho de Güllich e Kotschi (1987), concebem a correção como um ato de reformulação textual, de modo a gerar a compreensão entre falante e ouvinte. Segundo as autoras, no momento da fala pode haver “problemas” de processamento ou de formulação que levam à correção. Assim, a correção, que tem função

interacional, consiste em um processo de reformulação, em que um enunciado fonte é refeito, gerando um enunciado reformulador. Trata-se, portanto, de um processo de formulação retrospectiva, cujo principal objetivo é a garantia da intercompreensão nas interações verbais. Vejamos um exemplo oferecido pelas autoras:

(01)

L1 a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma moça **jornalista**...

L2 **poetisa**

L1 **poetisa**...

(FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1995, p. 269, grifos das autoras)

Em (01), verifica-se o processo de correção, uma vez que L2 corrige L1, substituindo *jornalista* por *poetisa*. No exemplo, *jornalista* é o enunciado fonte, que é corrigido pelo enunciado reformulador *poetisa*. Verifica-se, assim, um aspecto retrospectivo da correção, uma vez que esse processo de reformulação tem como escopo o enunciado anterior.

Segundo Barros (1999), que se orienta a partir de uma perspectiva discursiva, a correção é concebida como

um procedimento de reelaboração do discurso que visa a consertar seus ‘erros’. O ‘erro’ deve ser entendido como uma escolha do falante – lexical, sintática, prosódica, de organização textual ou conversacional – já posta no discurso e que, por razões diversas, ele e/ou seu interlocutor consideram inadequada. (BARROS, 1999, p. 136)

De acordo com a autora, a correção tem a finalidade de tornar o discurso mais “correto” ou “adequado”, segundo o ponto de vista dos participantes da interação, de modo a levar o ouvinte a reconhecer a intenção do falante, garantindo, assim, a intercompreensão na conversação. Ainda conforme Barros (1999), a estratégia de correção não deve ser vista apenas como correção de erros gramaticais; o conhecimento das estratégias de correção deve ser tratado como “parte da competência do falante para produzir textos e do ouvinte para compreendê-los” (BARROS, 1999, p. 139).

A ideia de reparação de um “erro” por meio da correção já havia sido citada por Searle (1969), em sua Teoria dos Atos de Fala. Para o autor, o ato de fala de correção, para ser realizado com sucesso, precisa atender às seguintes condições: condições preparatórias, condições de sinceridade e condições essenciais. De acordo com Searle (1969), as condições preparatórias se referem à percepção e à certeza do ouvinte quanto ao erro cometido pelo falante; as condições

de sinceridade se referem à percepção do ouvinte de que é capaz de corrigir o erro do falante e ao desejo, responsabilidade, dever ou obrigação de fazê-lo; e as condições essenciais se referem ao desejo do ouvinte de alterar o que é dito pelo falante.

Para Barros (1999), que se baseia no modelo de conversação em turnos de fala proposto por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), há dois tipos de correção: a reparação e a correção propriamente dita. A reparação volta-se para a correção de violações das regras conversacionais e não necessariamente do conteúdo dito, como mostra o exemplo a seguir:

(02)

L1 retratando determinado mundo"...eu acho que é muito bom... que o Brasil em literatura pelos seus grandes escritores há bastante tempo... já deixou de ter o seu cordão umbilical... preso à Europa...e:: e todo o::...toda a América Latina já se desprende... desse cordão umbilical fazendo uma literatura muito... da terra muito do homem... nativo...que é o caso de Gabriel Garcia Márquez...e de tantos outros e aqui:... no Brasil... Jorge Ama::do e tantos outros... e:: então agora... no cinema parece também que está havendo essa desvinculação...do figurino europeu do figurino americano... infelizmente há muito também da chamada pornochanchada não é?...que é uma maneira comercial mas o que se pode dizer...da pornochanchada aqui se ela impera na França se ela impera no

[

L2 H. ...

L1 mundo todo

L2 um belo filme foi Orfeu do Carnaval

(BARROS, 1999, p. 139-140)

De acordo com a explicação de Barros (1999), em (02), L2 toma o turno de L1 após uma primeira tentativa de chamá-lo pelo nome (H), com o objetivo de interromper sua fala extensa. Essa tomada de turno ocorre, uma vez que, segundo a autora, as regras conversacionais postulam que deve existir uma troca de falantes na conversação e L1 se mantinha muito tempo com o turno.

Já a correção propriamente dita tem o objetivo de consertar inadequações que comprometem a intercompreensão, como pode ser observado em (03):

(03)

L2 eu acho que ela modificou e **ele é irmão dela...**

L1 **não não...** ((clique)) **parece que não..** eu não POSSO jurar sobre os evangelhos mas me parece que... ahn:: ela seria Medalha com L e H... e ele MeDA-glia

(BARROS, 1999, p. 131, grifos da autora)

No exemplo (03), segundo a autora, L1 corrige L2 ao dizer *parece que não* referente à informação *ele é irmão dela*. Assim, L1 assume que as pessoas mencionadas por L2 não são irmãs, conforme mencionado na sequência, em que se explica que o sobrenome de ambos é escrito de maneira diferente.

Toscano (2001/2002, p. 133) também situa a correção entre os fenômenos de reformulação textual, os quais permitem “a execução do projeto de fala dos falantes e a geração dos sentidos”. O autor demonstra, com base na análise de conversações gravadas, que as correções “estão a serviço da construção das relações interpessoais por meio da tessitura de uma rede de imagens que orienta a condução da interação” (TOSCANO, 2001/2002, p. 133).

Tendo em vista, então, os elementos que as definições de correção apresentam em comum, propomos que a correção seja definida como uma estratégia de reformulação textual, com substituição total ou parcial do elemento enunciado anteriormente, com vistas a evitar problemas que possam dificultar a continuidade da conversação.

Para Hilgert (1999, p. 111), a correção, enquanto estratégia de reformulação textual, aproxima-se da paráfrase. Segundo o autor, a paráfrase se configura como um “enunciado que reformula o enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica.” Vejamos um dos exemplos analisados pelo autor:

(04)

L1 que nós nós que nós temos visto aí é que principalmente dentro da área de investimentos ... eu tenho acompanhado aqui ...o engenheiro **está muito bem situado ... ele está exercendo perfeitamente a a função dele .. e exercendo:: a contento inclusive**

(HILGERT, 1999, p. 111, grifos do autor)

No exemplo, tudo indica que o falante sente que a expressão “muito bem situado”, do ponto de vista do reconhecimento da intenção comunicativa por parte do ouvinte, não é suficientemente explícita, o que poderia gerar problemas de compreensão. Assim, o falante se antecipa e retoma o enunciado anterior em forma de paráfrase, para torná-lo mais claro. De acordo com Hilgert (1999), a correção ocorre quando a paráfrase traz uma descontinuidade no fluxo da formulação do texto bem mais explícita, que anula a formulação anterior, de maneira total ou parcial.

Segundo Cassim (2015), correção e paráfrase são estratégias que apresentam características parecidas, visto que em ambas um enunciado fonte passa por um processo de reformulação, o que gera um novo enunciado. Conforme explicita a autora,

na paráfrase, procura-se assegurar a intercompreensão por meio de um enunciado reformulador de equivalência total ou parcial, com traços semânticos comuns ao enunciado fonte, enquanto na correção tem-se o objetivo de reelaborar o discurso, torná-lo mais “adequado”, também assegurando a compreensão, mas com traços semânticos diferentes do enunciado fonte (CASSIM, 2015, p. 9).

Cassim (2015) afirma haver uma linha tênue na diferenciação das duas estratégias, o que dificulta a separação de ambas na análise. Tal fato também já havia sido afirmado por Barros (1999), para quem paráfrase e correção, em certos casos, podem ser consideradas estratégias ambíguas. Vejamos um exemplo em que há essa ambiguidade.

(05) L1 eu:: disse a ela que ela ah *ela ainda não se conhecia ela ainda não tinha se percorrido* (...)
(BARROS, 1999, p. 138, grifos nossos)

No exemplo, L1 reformula *ela ainda não se conhecia* por *ela ainda não tinha se percorrido*. Segundo Barros (1999), é possível que o exemplo apresentado seja visto como um caso de correção, em que *percorrer-se* aparece como algo distinto de *conhecer-se*, ou como um caso de paráfrase, em que as duas informações apresentam conteúdos semânticos equivalentes. De acordo com a autora, analisar o exemplo como correção ou paráfrase não colabora para a compreensão da conversação; sendo assim, é preferível considerar a existência de uma reformulação e que as oposições entre correção e paráfrase se neutralizam.

Por essa razão, ao analisarmos os casos de correção que constituem o corpus da presente investigação, incluímos as ocorrências que podem receber uma interpretação ambígua entre correção e paráfrase, pois entendemos que também na correção pode haver substituição parcial do enunciado anterior, como ocorre na paráfrase.

Hilgert (1999), ao falar sobre correção, também de uma perspectiva textual-interativa, aponta que o enunciado de origem (ou enunciado fonte) traz um problema de compreensão, seja do ponto de vista do falante, seja do ponto de vista do ouvinte, para o qual o enunciado reformulador tem a solução ou a tentativa de solucionar o problema. O autor acrescenta que a correção, por tomar como escopo o elemento anterior, presente no enunciado fonte, difere da hesitação, que apresenta aspecto prospectivo, pois o falante se dá conta do problema antes de formular o enunciado. Em (06), vemos um exemplo de hesitação fornecido pelo autor:

(06)

L1 - o exemplo que nós/¹ **que nós que nós** temos
v/²:: isto aí é que principalmente dentro da
área de investimentos/³ ... **eu tenho**/⁴ **tenho**
acompanhado aqui...
o engenheiro está muito bem situado...
ele está exercendo perfeitamente a/⁵ ... a função
dele... e exercendo/⁶ :: a contento inclusive...
então/⁷:: eles estão//
porque realmente houve assim uma /⁸::... uma
fuga/⁹:: do engenheiro
da/¹⁰ da...da área de produção...
dos laboratórios de experiências para/¹¹... para::...
L2 - área administrativa
L1 - área administrativa... hoje ele realmente/¹²::
se encontra em grande percentagem na Área
administrativa...
L2 - seria isso porque já/¹³::... já estaria/¹⁴ ...
esgotada a área técnica?
(HILGERT, 1999, p. 109, grifos nossos)

De acordo com Hilgert (1999), no exemplo anterior, L1 interrompe seu turno em (¹), buscando a formulação adequada para prosseguir, repete duas vezes *que nós* e, ao escolher o termo *temos*, hesita na confirmação de v::isto. Conforme explicado pelo autor, L1 segue com fluência normal até a pausa depois de *investimentos* (³). Desse modo, interrompe a sequência sintática para inserir um comentário com estrutura sintática independente. Após o comentário, o falante continua o que foi interrompido anteriormente. Na formulação desse enunciado, há outra interrupção, explicitada pela repetição de *tenho* (⁴) e ao longo do diálogo, há outras descontinuidades que se manifestam em hesitações.

Nas hesitações exemplificadas em (06), não há casos de reformulação do enunciado anterior, pois em todas as situações um mesmo elemento se repete, mostrando a construção do texto até que o enunciado final seja formulado pelo falante. Entendemos que nesses casos não há sobreposição entre hesitação e correção.

Marcuschi (1999) também trata da hesitação, que considera uma atividade de processamento textual, cujo objetivo é ganhar tempo para a verbalização do texto. Na sequência, temos um exemplo de hesitação extraído do Projeto NURC, analisado pelo autor:

(07)

1 Doc: e o que a senhora considera uma boa peça teatral? (1.60)
2 e o que
3 Inf: eu ach/
4 Doc: que ela precisa conter?

5 Inf: (2.5) conter? ... eu acho que o o o (2.8) **como é que eu vou dizer?**
 6 **o que : : (2.5) sei lá (2.8)** o que mais a peça nos chama atenção é o
 7 o o : : (1.0) o enredo da peça (0.5) ah ahn os artistas bons porque às
 8 vezes né (0.6) eu tenho gostado mas (1.6) eu acho que assisti: : (2.2)
 9 você sabe que não guardo nome mas eu assis/ eu
 10 Doc: não o nome da peça não importa
 (MARCUSCHI, 1999, p. 164, grifos nossos)

Segundo Marcuschi (1999), as linhas 5 e 6 apresentam várias hesitações e, em uma delas, há marcadores como *como é que eu vou dizer* e *sei lá* que mostram uma dificuldade de planejamento cognitivo. Os números entre parênteses indicam o tempo em segundos gasto antes de cada enunciado, mostrando que após as duas fórmulas marcadoras de hesitação há um tempo maior para o processamento da fala.

Assim como no exemplo (06), também no exemplo (07) os casos de hesitação não mostram nenhum tipo de reformulação, mantendo o aspecto prospectivo da hesitação, em contraste com os casos de correção. Segundo Marcuschi (1999), o ponto essencial para a diferenciação da hesitação e outros fenômenos característicos da oralidade, entre eles, a correção, está no processo de formulação textual-discursiva. Nas palavras do autor:

A hesitação, ao contrário da repetição, por exemplo, não faz parte das atividades de formulação e sim dos sintomas que evidenciam rupturas na formulação. A hesitação não pode ser tida como proposta de solução para algum problema de formulação mas sim como indício de atividade de busca de solução. Por isso, não é uma atividade formulativa. (MARCUSCHI, 1999, p. 186)

Entretanto, há exemplos em que a substituição do elemento anterior por um elemento posterior é identificada, aproximando, então, hesitação de correção, como no exemplo a seguir:

(08) L2 é... es/ **essas esses progressos...** houve isso houve muito progresso
 (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1995, p. 272, grifos das autoras)

Em (08), o falante, representado por L2, utiliza o termo *essas*, hesita e, posteriormente, encontra a palavra adequada para dar continuidade ao seu turno: *esses*. Diferentemente dos exemplos (06) e (07), anteriormente discutidos, em que a hesitação tem claramente um traço prospectivo, que visa ao enunciado posterior, no exemplo (08), a substituição de *essas* por *esses* mostra uma aproximação entre hesitação e correção. Por essa razão, decidimos incluir, no

levantamento das ocorrências, todos os casos que mostram a substituição parcial ou total do enunciado original.

1.2. Os tipos de correção

Como forma de caracterizar a correção, trazemos aqui algumas considerações sobre a origem da correção e o tipo de conteúdo que pode ser corrigido.

Durante a conversação, a correção pode ser de responsabilidade do falante, do ouvinte ou de ambos. Schegloff, Jefferson e Sacks (1977) levantam diferentes possibilidades para a origem da correção, que pode ser classificada em: a) autocorreção iniciada; b) autocorreção heteroiniciada; c) heterocorreção autoiniciada; e d) heterocorreção heteroiniciada.

Segundo Schegloff, Jefferson e Sacks (1977), a autocorreção iniciada se refere à correção iniciada e realizada pelo próprio falante, como exemplificado em (09):

(09)

N: She was givin me a: ll the people that were go:ne **this year**: I mean **this quarter** y'
// know

J: Yeah

(SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977, p. 364, grifos e tradução nossos)

(N: Ela estava me dando todas as pessoas que se foram **neste ano**, quero dizer, **neste trimestre**, você sabe

J: Sim)

Em (09), há uma interação entre dois falantes, N e J, em que o falante N se corrige, substituindo *neste ano* por *neste trimestre*.

Ainda segundo os autores, a autocorreção pode ser também heteroiniciada, situação em que a correção é feita pelo próprio falante, após ser iniciada pelo seu interlocutor, como apresentado em (10):

(10)

Ken: Is Al here today?

Dan: Yeah.

Roger: **He is?** hh eh heh

Dan: Well **he was**.

(SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977, p. 364, grifos e tradução nossos)

(Ken: Al está aqui hoje?

Dan: Sim.

Roger: **Ele está?**

Dan: Bem, **ele estava**.)

No exemplo, um dos participantes da interação, Roger, questiona a resposta dada por Dan, que confirmava a presença de outra pessoa (Al) no mesmo local em que estavam. A pergunta feita por Roger motiva Dan a corrigir a informação que havia dado, colocando o verbo no passado (*he was*); ou seja, a autocorreção não é iniciada pelo próprio falante, Dan, e sim por Roger, sendo, portanto, heteroiniciada.

Outro tipo de correção previsto pelos autores é a heterocorreção autoiniciada, em que a correção é iniciada pelo falante, mas concluída pelo outro, conforme exemplificado em (11):

(11)

B: He had **dis uh Mistuh W-whatever k-** I can't think of his first name, Watts on, the one they wrote // that piece.

A: **Dan Watts.**

(SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977, p. 364, grifos e tradução nossos)

(B: Ele tinha **Mistuh Q - sei lá o que** - Não consigo me lembrar do primeiro nome dele, Watts, o que escreveu aquela peça.

A: **Dan Watts).**

Nesse exemplo, o próprio falante se corrige ao mencionar o nome do roteirista ao qual ele e o interlocutor se referem durante a interação. Apesar de o falante B iniciar o processo de correção, ela é realizada, efetivamente, pelo falante A, uma vez que ele menciona o nome completo do roteirista, corrigindo, assim, os primeiros nomes mencionados anteriormente pelo falante B.

O último tipo de correção postulado por Schegloff, Jefferson e Sacks (1977) é a heterocorreção heteroiniciada, que se refere à correção iniciada e realizada pelo interlocutor. Em (12), vemos um exemplo desse tipo de correção:

(12)

B: Where didju play ba:sk//etbaw.

A: **(The) gy:m.**

B: **In the gy:m?**

A: Yea:h. Like grou(h)p therapy. Yuh know =

(SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977, p. 364, grifos e tradução nossos)

(B: Onde você está jogando basquete?

A: **(A) academia**

B: **Na academia?**

A: Sim. Como terapia de grupo. Você sabe)

Em (12), durante a interação, o falante B corrige o enunciado do falante A, acrescentando a preposição *in* (*em*), o que resulta em *In the gym* (*na academia*).

Com relação ao conteúdo corrigido pelo ato de reformulação nas situações de interação, Barros (1999) aponta que os mecanismos de correção são empregados para resolver “erros” diferentes, que podem ter natureza fonético-fonológica (troca de fonemas, por exemplo) ou natureza morfossintática (como os erros de gramática normativa, por exemplo). Entretanto, os casos mais frequentes e mais diversificados são os de natureza semântico-pragmática, que podem trazer tanto impropriedades de informação como imprecisão.

Charolles (1987, *apud* Fávero, Andrade e Aquino 1995) considera a existência de dois tipos de correção, denominados infirmação e retificação. Segundo o autor, a infirmação se refere a correções em que há total anulação do enunciado fonte, conforme mostra o exemplo fornecido por Fávero, Andrade e Aquino (1995), em análise de dados do português:

(13) ela vive dançando **a Laura a:: Estela a Laura não se definiu** tenho a impressão de que vai ser PROMotora...
(FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 1995, p. 273, grifos das autoras)

No exemplo, o elemento *Laura*, denominado enunciado fonte, é anulado totalmente pelo falante e substituído por *Estela*, caracterizando a infirmação.

Já a retificação se refere a correções parciais do enunciado fonte, uma vez que, nesse tipo de correção, a semântica do enunciado fonte e a do enunciado reformulador seguem na mesma direção, como no exemplo (14):

(14) então eu tenho impressão de que quando o menor... já:: estiver assim... pela **quarta série terceira quarta série...** ele já estará mais independente e::
(FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 1995, p. 273, grifos das autoras)

Nesse exemplo, o enunciado fonte *quarta série* é corrigido parcialmente e alargado por meio do acréscimo dos elementos *terceira quarta série*. É possível verificar que não há anulação total do enunciado fonte, tal como ocorre nas correções do tipo infirmação, mas sim um alargamento dele.

Levando em consideração, ainda, os casos de correção de natureza semântico-pragmática, é possível prever distintas funções para o enunciado que corrige o enunciado anterior. Toscano (2000), ao analisar narrativas conversacionais do português falado, identifica

algumas funções para a correção, com base no corpus que analisou. As principais funções identificadas pela autora são:

- a) fornecimento de informação relevante, que ocorre quando o falante deixa de fornecer informações importantes para a expressão de sua intenção comunicativa, se dá conta disso, interrompe o enunciado e acrescenta o que julga necessário;
- b) quebra de ambiguidade, que visa à manutenção da intercompreensão;
- c) mudança de perspectiva da narrativa, que consiste na reprodução da fala do outro;
- d) modificação das relações interpessoais, que podem marcar a simetria ou assimetria das relações;
- e) legitimação do papel de falante narrador, que ocorre quando o falante comete um erro de informação e é corrigido por outro participante da interação.

Observamos que algumas funções que Toscano (2000) considera como típicas de narrativas conversacionais podem estar presentes também em entrevistas como as que constituem o corpus de nossa pesquisa, como o fornecimento de informação relevante e a retirada de ambiguidade. Pretendemos avaliar se a correção pode ter funções mais específicas a partir dos dados analisados.

Tendo em vista, então, os aspectos que envolvem a estratégia de correção na língua falada, as noções aqui apresentadas serão empregadas na análise dos dados. Desse modo, verificaremos os responsáveis por realizar o processo de correção (falante ou ouvinte), o que permite uma separação entre auto e heterocorreção e o tipo de correção identificado, que pode ser infirmação ou retificação (substituição total ou parcial do enunciado fonte, respectivamente), conforme proposta de Charolles (1987), adotada por Fávero, Andrade e Aquino (1995).

Com relação à natureza do elemento corrigido, buscaremos levantar e analisar os casos de natureza fonético-fonológica, que podem resultar na troca de um fonema por outro, por exemplo; os casos de natureza morfossintática e os casos de natureza semântica e pragmática. Por fim, com relação aos tipos de correção, verificaremos as funções que o ato reformulador tem, que pode ter o objetivo de trazer alguma informação relevante que havia sido esquecida, mostrar mais precisão, retirar a ambiguidade ou outras funções.

Sempre que possível, procuraremos relacionar as funções textuais-discursivas da correção ao modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional que adotamos para nossa análise.

1.3. A correção e as estratégias de preservação da face

Segundo Toscano (2001/2002), as interações verbais, de um modo geral, são permeadas por um jogo de imagens existentes entre os interlocutores. A imagem de cada um dos participantes da interação é chamada de *face*, segundo Goffman (1967), e significa a expressão social do “eu” individual. Nas palavras de Goffman (1967, p. 5), o termo *face* pode ser definido como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma segundo a linha que os outros presumem que ela assumiu durante um determinado contato.”¹ Ainda segundo o autor, no jogo de imagens durante a comunicação existem duas possibilidades: a proteção da própria face, que constitui orientação defensiva, e a proteção da face do outro, que constitui orientação protetiva.

Conforme Goffman (1967), durante a interação, o membro de um grupo tende a preservar tanto sua própria face como a dos outros, o que ocorre por meio do efeito combinado das regras de respeito próprio e de consideração. Ainda conforme o autor, há práticas unicamente defensivas e unicamente protetivas. No entanto, de modo geral, ambas as práticas ocorrem simultaneamente, pois, ao tentar salvar a face de alguém, um membro da interação precisa cuidar para não perder sua própria face e, ao tentar salvar sua própria face, precisa levar em conta que pode ocorrer a perda da face dos outros.

Segundo Goffman (1967), a manutenção da face é condição para que ocorra a interação. No caso das práticas defensivas, o autor considera a existência de dois tipos básicos de preservação da face. Um deles consiste em evitar contatos que podem ocasionar a perda da própria face ou em mudar o assunto da conversa. O outro é um processo corretivo, que ocorre quando os participantes da interação não conseguem evitar um evento que não condiz com os juízos de valor social e, desse modo, tentam corrigir ou reparar seus efeitos.

Conforme Brown e Levinson (1987), que se baseiam também no trabalho de Goffman (1967), a imagem apresenta uma face positiva e uma face negativa. Enquanto a face positiva faz referência ao desejo de aceitação social, a negativa se refere ao desejo de liberdade individual de ação. Segundo os autores, para evitar as ameaças que estão sempre presentes no processo de comunicação, os falantes adotam recursos com o objetivo de preservar a própria face ou a face do outro.

¹ No original: [...] *the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact.*

A correção, como elemento presente em situações de interlocução, pode permitir ao falante preservar a própria face ou a face do outro, a depender da situação em que é empregada. A correção como preservação da própria face ocorre comumente quando o falante verifica que seu enunciado pode gerar uma imagem negativa de si. Alvarez (2002), ao estudar formas de expressão da cortesia em espanhol, descreve uma situação em que a correção preserva a face do próprio falante, como exemplificado em (15):

(15)

Inv..... pero a tí te gusta tirar piedras entonces.

Hab.: No, **tirar piedras** no sino... ir a ver... y ... **a protestar** claro, pero no estar tirando piedras.

(ALVAREZ, 2002, p. 185, grifos da autora, tradução nossa).

(..mas você gosta de atirar pedras então.

Não, **atirar pedras não**, mas sim... **protestar**, mas não estar atirando pedras.)

Alvarez (2002, p. 185) explica que, no exemplo em questão, há a substituição de *tirar piedras* por *protestar*, uma vez que a expressão *tirar piedras* é socialmente reprovável. Desse modo, o entrevistador utiliza uma expressão não aceita socialmente para caracterizar o entrevistado, o que, por sua vez, o impele a substituir a expressão por *protestar*, que não apresenta conotação negativa socialmente. Esta substituição ocorre com o objetivo de que o entrevistado preserve sua própria face, o que equivale, de acordo com Goffman (1967), ao desejo que todos os indivíduos têm de construir uma imagem positiva de si mesmos.

Em outro exemplo, extraído de Toscano (2001/2002), apresentado a seguir, a autocorreção defensiva acontece em razão do emprego incorreto da norma culta da língua portuguesa feito por uma estudante de um Curso de Letras:

(16)

L1: aí que mais aconteceu? ((tosses))

L2: as gêmeas estavam lá com os namoradinhos

L1: PU:ta aquelas gêmeas é ridículo né?

L2: [muito ridículo

L1: a hora que elas viram assim. as duas de mãos

[Doc: **passou** os quatro filmes?

L1: é

L2: passou

L1: os quatro filmes

Doc: passou os quatro filmes hahahaha

[

L2: os quatro filmes
 Doc: **paSSAram** os quatro filmes
 (TOSCANO, 2001/2002, p. 123, grifos nossos)

O que se observa no exemplo é que a documentadora (aluna responsável pela entrevista, identificada como DOC) comete um erro de concordância ao se referir a uma forma plural com o verbo no singular (*passou* em lugar de *passaram*), erro que passa despercebido pelas demais participantes da interação (referidas como L1 e L2). Na sequência, ela se dá conta do erro cometido, ironiza o próprio erro e se corrige. Levando em consideração que todas as participantes da gravação eram estudantes de Letras e poderiam ser mal vistas frente ao ocorrido, há uma preocupação em corrigir e também em enfatizar a correção, o que serve de proteção à face da documentadora, que não quer ser vista como uma futura professora de português que não domina a norma culta da língua portuguesa.

Conforme mencionado anteriormente, além da preservação da própria face, a correção também pode objetivar a preservação da face do outro, como vemos em (17):

(17)
 Doc.: mas têm qualidade esses trabalhos?
 L2: **não**
 L1: **alguns eu acho que alguns têm**
 (REIS, 2017, p. 90, grifos do autor)

Reis (2017, p. 90) explica que, no exemplo em questão, L1 apresenta opinião diferente de L2 e que, para manifestá-la, utiliza o termo *alguns* e, posteriormente, o verbo *achar* com o objetivo de suavizar a ameaça à face do interlocutor, já que a informação acaba sendo relativizada. Ainda segundo o autor, ao minimizar possíveis danos à imagem do interlocutor, L1 salvaguarda também sua própria face.

Como pontuam Darweesh e Mehdi (2016), a correção da fala, quando feita pelo outro, mostra ao falante que algo dito está incorreto, o que pode afetar sua face. Ao mesmo tempo constitui uma ameaça ao ouvinte por requerer coragem dele para que realize a correção do que é dito pelo falante.

Os recursos de preservação da própria face ou da face do outro são encontrados nas interações de um modo geral e muito frequentemente nas entrevistas semi-dirigidas, como as que selecionamos para análise, o que justifica a escolha do corpus. Pretendemos, desse modo, identificar e explicar as ocorrências em que a correção pode servir como uma estratégia de preservação ou mesmo de ataque à face dos participantes da interação.

Na próxima seção, trataremos da correção como um processo que pode se configurar como uma estratégia de (des)cortesia por parte do falante durante a comunicação.

1.4. A correção e a expressão da (des)cortesia

Tradicionalmente, fora do âmbito linguístico, a cortesia pode ser definida como amabilidade ou educação no trato com as pessoas (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2015), ou ainda como um conjunto de regras (MOLINER, 1998).

A cortesia linguística, por sua vez, refere-se a um conjunto de normas geralmente expressas pela linguagem, cujo objeto é a sociedade (ALVAREZ, 2002). No âmbito linguístico, segundo Rodrigues (2003), saber falar e escrever é realizar práticas discursivo-textuais, que constituem atos de comunicação adequados aos contextos. Desse modo, conforme o autor, saber falar e escrever é uma competência cujo sucesso ou insucesso se associa à competência ou à incompetência discursivo-textual de cortesia.

Conforme Alvarez (2002), a cortesia pode se manifestar de modo gestual ou verbal. Segundo a autora, constituem-se como atos de cortesia gestuais a retirada de um chapéu em sinal de respeito a alguém ou mesmo um gesto de inclinação diante de outra pessoa. Esses atos de cortesia gestuais podem se configurar como atos de cortesia verbais se materializados linguisticamente, tal como exemplificados em (18) e em (19):

(18) me quito el sombrero (ALVAREZ, 2002, p. 176, tradução nossa)
(tiro o chapéu para você)

(19) me inclino ante usted. (ALVAREZ, 2002, p. 176, tradução nossa)
(me curvo a você)

De acordo com Fávero e Andrade (2015), a cortesia como tema de pesquisa foi ignorada por bastante tempo por gramáticos e linguistas e, somente no final de 1970, começam a aparecer trabalhos sobre o tema nos Estados Unidos. Conforme Kerbrat-Orecchioni (2005), a partir desse momento, a cortesia se torna um dos temas de pesquisa mais importantes em pragmática e em sociolinguística.

Um trabalho pioneiro nesse sentido foi o de Brown e Levinson (1987), autores que estudaram a cortesia tendo em vista as interações humanas. Segundo Brown e Levinson (1987), a cortesia se configura como uma resposta à agressão interna do indivíduo, gerando o controle social interno e também externo, como em relações competitivas com outros grupos.

Conforme Lourenço e Godoi (2017), a teoria de Brown e Levinson tem como base o Princípio da Cooperação, postulado por Grice (1975), cujo objetivo é guiar os diálogos. Objetivando validar o Princípio de Cooperação, Grice (1975) postula quatro máximas conversacionais. São elas: máxima do Modo, máxima da Qualidade, máxima da Relação e máxima da Quantidade. Segundo Grice (1975), a máxima de Modo se refere a como deve ser dito o que é dito, de maneira que o falante deve evitar obscuridade, ambiguidade e prolixidade; a máxima de Qualidade se refere à necessidade de veracidade do que é dito pelo falante; a de Relação se refere à necessidade de relevância das informações veiculadas pelo falante e a de Quantidade se refere à quantidade de informação, que deve ser suficiente na comunicação, mas não maior do que o necessário. Grice (1975) postula também que, além destas máximas, existem outras empregadas pelos participantes de uma conversação, como a máxima *seja polido*.

Lakoff (1973) postula a existência de Regras de Competência Pragmática, que se referem ao contrato conversacional existente entre interlocutores. Segundo Lakoff (1973), as Regras de Competência Pragmática são: *ser claro* e *ser cortês*. Conforme o autor, em uma conversação, a cortesia é mais importante do que a clareza. Desse modo, para a máxima *ser cortês*, Lakoff (1973) estabelece as seguintes submáximas: *não se impor*, *dar opções* e *fazer com que seu receptor se sintam bem*.

Segundo Haverkate (1997), a cortesia apresenta caráter universal, uma vez que, conforme o autor, está presente em todas as civilizações, embora se manifeste diferentemente em cada cultura. O autor menciona que nenhuma expressão linguística é inerentemente cortês ou descortês, uma vez que o que determina a cortesia ou a descortesia são as situações comunicativas em que tal expressão é usada.

Ainda conforme Haverkate (1997), atos corteses e descorteses são definidos por meio da intenção comunicativa do falante, ou seja, no âmbito da pragmática. Assim, há emprego de cortesia, segundo o autor, somente se o falante objetiva beneficiar o ouvinte por meio de determinada expressão verbal.

De acordo com Lakoff (1989), os atos de fala corteses refletem os acordos sociais preestabelecidos em uma sociedade e têm como objetivo evitar ofender o ouvinte. Já os atos de fala descorteses, segundo o autor, violam as regras de convivência social e, dessa forma, configuram-se como enfrentamento interacional.

Conforme Macedo (2015), a correção se relaciona à cortesia verbal tendo em vista que, no caso de um falante corrigir o que é dito por outro, pode-se considerar que há um ataque à face dele, mas também pode ser uma estratégia de cooperação.

Segundo Alvarez (2002), a correção como expressão da cortesia verbal pode ser encontrada na interação não somente na cooperação entre falante e ouvinte, mas também no enunciado do próprio falante, conforme exemplificado em (20):

(20) ...y de ahí sacaban los... los hela... los **popcicles** [posícles]... o sea los **raspados**.
(ALVAREZ, 2002, p. 185, grifos e tradução nossos)

(e daí tiravam os **sorvetes de palito**, ou seja, as **raspadinhas**).

Conforme explica Alvarez (2002), em (20), o falante substitui o termo *popcicles*, cujo significado é *sorvete de palito*, pelo termo *raspados*, cujo significado é *raspadinhas*. Desse modo, a autora menciona que o falante realiza, nesta substituição, uma sinonímia que não é precisa, já que os significados de *popcicles* e *raspados* são diferentes. De acordo com Alvarez (2002), a substituição ocorre tendo em vista a preocupação do falante de que o ouvinte não consiga reconhecer a que se refere o termo *popcicles*.

Em (21), exemplificamos uma correção realizada pelo interlocutor em que o objetivo é o estabelecimento da cortesia, já que segue o Princípio da Cooperação, conforme postulado por Grice (1975):

(21)
Hab:...a mí no me interesa ese tipo de personas, entonces, por lo general, trato de decepcio... de no..
Inv: **desecharlas**
Hab.....de romper ese contacto con esas personas...
(ALVAREZ, 2002, p. 195, grifos e tradução nossos)

(F: Não me interessa esse tipo de pessoa, então, no geral, trato de decepcio... de não..
E: **desprezá-las**
F: ... de cortar esse contato com essas pessoas...)

No exemplo, a designer de modas, ao falar a respeito de pessoas que não têm bom gosto, busca o termo ideal para falar como age nessas situações. Inicialmente, parece empregar o termo *decepcionarla*, mas interrompe, considerando que não era isso o que queria dizer. A entrevistadora, de maneira cortês, colabora com a construção do enunciado da falante, sugerindo o termo *desecharlas*, que se mostra mais adequado para o contexto.

Em outro exemplo, apresentado a seguir, a correção realizada por um dos falantes ao enunciado do outro também pode ser visto como um exemplo de expressão da cortesia no processo de comunicação:

(22)

R1: macacos... barulheiros... usam objetos...

R2: [**barulheiros ou barulhentos?**

R1: balhe/ barulheiros

R2: está escrito aí ba/ barulheiros?... ou barulhentos?

R1: qual a diferença?

R2: acho que barulheiros não existe

R1: é barulheiros... deixa eu ver

(MACEDO, 2015, p. 107, grifos nossos)

De acordo com Macedo (2015), o diálogo apresentado em (22) mostra uma conversação em que a criança, identificada como R1, faz uma atividade escolar com o auxílio da irmã universitária, representada por R2. Durante a atividade escolar, a criança descreve os personagens do livro a que a atividade se refere. A irmã da criança interrompe sua fala para fazer uma correção, para a qual usa uma pergunta (*barulheiros ou barulhentos?*). Dessa maneira, a irmã não corrige categoricamente o termo *barulheiros*, mas, por meio de seu questionamento, mostra uma alternativa à criança. Conforme Macedo (2015), o questionamento da irmã, que apresenta uma sugestão de substituição do termo incorreto, constitui uma forma de expressão da cortesia.

Nem sempre a correção representa exemplos de expressão da cortesia. Há situações em que a correção gera um tipo de confronto entre os participantes da interação, o que pode se configurar como descortesia. Conforme Dalinghaus (2016), a expressão da descortesia remete a um possível desacordo e desequilíbrio na interação, podendo prejudicar a face do interlocutor e a própria face do falante.

Albarelli (2020), que analisou os debates presidenciais das eleições para presidente do Brasil em 2014, discute um exemplo de correção que acaba sendo uma amostra de descortesia. Vejamos:

(23) Aécio Neves: e a senhora não respondeu... **a frase que disse está gravado... “todo mundo pode cometer corrupção” não pode não... candidata... ninguém pode cometer corrupção...** a senhora tem é que tomar as providências e dizer ao Brasil o que que aconteceu na Petrobrás...

(ALBARELLI, 2020, p. 327, grifos da autora)

Conforme explica Albarelli (2020), em (23), verifica-se um trecho do debate do segundo turno das eleições de 2014 entre os candidatos Aécio Neves e Dilma Rousseff. No exemplo, observa-se que Aécio Neves acusa Dilma Rousseff por meio da desqualificação de sua imagem. Ao desqualificá-la, com o objetivo de preservar sua autoimagem, Aécio Neves afirma que a

frase dita pela candidata está gravada, retoma a frase dita por ela e a refuta. Consideramos que, no exemplo, a substituição de *todo mundo pode cometer corrupção* por *ninguém pode cometer corrupção* tem como objetivo a desqualificação da candidata Dilma, o que constitui uma expressão de descortesia.

Embora seja sabido que nem todos os atos de correção podem estar diretamente relacionados à expressão da cortesia ou da descortesia linguística, quando esses contextos ocorrem, podem preservar a imagem do falante e contribuir para o sucesso da comunicação do outro (cortesia) ou tentar desqualificar a imagem do outro pelo emprego de correções colocadas de maneira rude (descortesia).

No próximo capítulo, veremos como a correção tem sido tratada dentro do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, modelo teórico que embasa nossa pesquisa, e de que maneira os casos aqui descritos podem ser analisados ou não sob o escopo do modelo.

2

O MODELO TEÓRICO DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL E O TRATAMENTO DA CORREÇÃO LINGUÍSTICA

Apresentação

Neste capítulo, apresentamos os principais pressupostos teóricos da abordagem funcionalista, dentro da qual nosso trabalho se insere, bem como a arquitetura do modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, modelo adotado para a presente investigação. Na sequência, mostramos como a correção é tratada dentro do modelo e como pode se relacionar com os níveis e unidades que o integram.

2.1. A corrente teórica funcionalista

A corrente teórica funcionalista apresenta uma visão de linguagem não autônoma, uma vez que não se atém apenas à estrutura linguística, mas considera também a relação existente entre forma e uso. Sendo assim, a concepção de linguagem adotada é a de que a forma da estrutura linguística se modifica em decorrência da função que desempenha, de modo a atender as necessidades comunicativas do falante.

Ao considerar a linguagem como não suficiente em si, essa abordagem observa as relações entre língua, diversas modalidades de interação social e o contexto, considerando os fatores extralinguísticos, uma vez que a língua, na concepção funcionalista, é considerada instrumento de interação social (DIK, 1997a). Segundo Neves (1997, p. 43), a língua “não existe, em si e por si, como uma estrutura arbitrária de alguma espécie, mas existe em virtude de seu uso para o propósito de interação entre seres humanos.”

Sendo a linguagem um instrumento de interação social, há que se considerar a existência de interlocutores e a relação entre eles. Nesse sentido, a pragmática, que se refere aos interlocutores de um discurso e à relação existente entre eles, é o componente mais abrangente numa abordagem funcionalista, com primazia sobre a semântica e sobre a sintaxe. A sintaxe trata da combinação entre termos de um discurso e a semântica, da relação entre esses termos e os objetos (significado). No enfoque funcionalista, a semântica apresenta-se como dependente

da pragmática; a sintaxe, da semântica e ambas, a sintaxe e a semântica, são dependentes da pragmática.

Entre os vários modelos de orientação funcionalista, adotamos, neste trabalho, o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008). A Gramática Discursivo-Funcional (GDF), pode ser considerada como uma evolução da Gramática Funcional (GF) proposta por Dik (1997a, 1997b), já que também adota uma estruturação em camadas dos níveis e unidades que integram o modelo. Porém, enquanto a GF é construída a partir de unidades menores até chegar às unidades maiores, em um modelo entendido como *bottom-up* (ascendente), a GDF parte da intenção do falante em direção à formulação linguística, seguindo, portanto, uma arquitetura *top down* (descendente).

Outra diferença importante é que a GF tem a oração (*clause*, nos termos de DIK, 1997a, 1997b)) como unidade máxima de análise, enquanto a GDF estende-se ao discurso e assume o Ato Discursivo como unidade básica de análise, independentemente de sua constituição.

A concepção de *discurso* para a GDF não é a mesma que está contida nos manuais de Análise do Discurso, uma vez que o modelo se ocupa apenas do que apresenta materialidade linguística. Segundo Souza (2008), no contexto da GDF, o termo *discurso* refere-se a porções de texto maiores, considerando as relações entre duas ou mais orações em um contexto de comunicação.

Na seção a seguir, será apresentado, em mais detalhe, o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, que embasa a presente investigação.

2.2. O modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional

A Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), apresenta um modelo estruturado em camadas, com uma organização *top-down* (de cima para baixo), ou seja, parte da intenção do falante em direção à articulação das expressões linguísticas, uma vez que considera que o falante primeiro define sua intenção comunicativa para depois codificá-la por meio de estruturas linguísticas. Sua unidade de análise é o Ato Discursivo,² que pode apresentar unidades menores ou maiores do que a oração.

O modelo teórico da GDF é visto como o Componente Gramatical de um modelo de interação verbal mais amplo do qual também fazem parte outros três componentes: o Conceitual, o Contextual e o de Saída. No Componente Conceitual, estão a intenção

² O emprego de letras maiúsculas para as unidades que integram o modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional obedece a uma padronização estabelecida pela própria teoria.

comunicativa e a representação mental correspondente. Em outras palavras, desenvolve-se, nele, respectivamente, o propósito pelo qual o falante interage e também a representação mental advinda do evento extralinguístico correlacionado à intenção comunicativa.

No Componente Contextual, estão armazenadas as informações sobre o contexto real em que ocorre o evento de fala e as relações entre os participantes, bem como as informações textuais sobre os antecedentes linguísticos presentes no contexto discursivo imediato e que moldam a forma do discurso precedente.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o Componente Contextual contém dois tipos de informações: as informações imediatas advindas do Componente Gramatical referentes a um enunciado específico - o que é relevante para a forma dos enunciados subsequentes -, e as informações de longo prazo sobre a interação em andamento - o que é relevante para as distinções que são exigidas na língua que está sendo utilizada e que influenciam na formulação e na codificação dessa língua.

De acordo com os autores, as informações de curto prazo devem ser sempre atualizadas. Enquanto o discurso progride, alguns antecedentes válidos deixam de estar disponíveis e outros aparecem como possíveis antecedentes.

Como configurações de longo prazo, os autores consideram o sexo dos participantes do ato de fala e a interação social existente entre eles. No entanto, questões de gênero, registro, estilo, entre outras, só serão incluídas quando influenciarem as escolhas gramaticais na formulação.

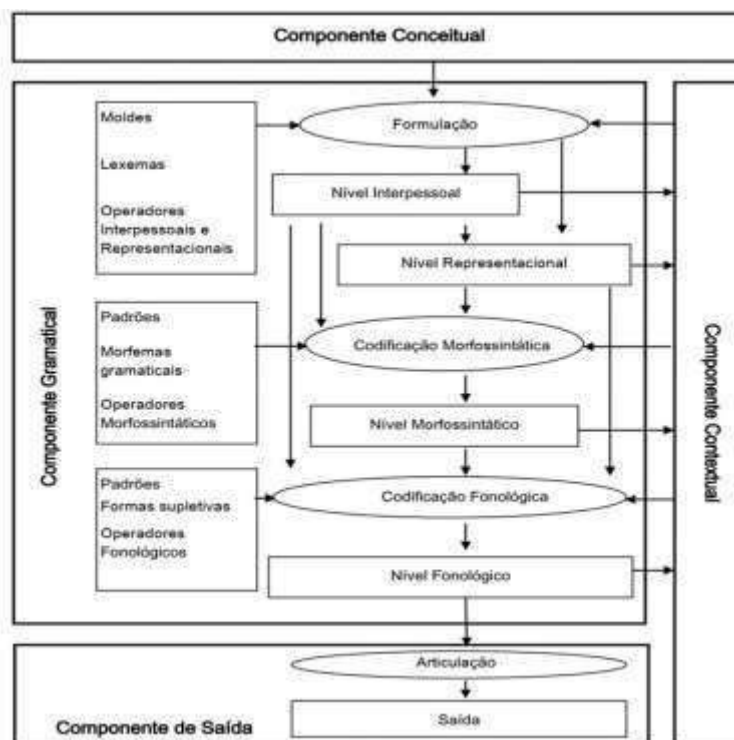
Ainda segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a entrada para o Componente Contextual resulta não só da formulação, mas também da codificação, que abrange os Níveis Morfossintático e Fonológico dentro do Componente Gramatical.

Quanto ao Componente Gramatical, que corresponde à própria GDF, é responsável por converter a intenção comunicativa em representações linguísticas. Dentro desse componente, a operação denominada Formulação converte a intenção comunicativa em representações pragmáticas e semânticas. Essas representações, por sua vez, são convertidas em representações morfossintáticas e fonológicas por meio da operação denominada Codificação.

Por fim, o Componente de Saída gera expressões acústicas, escritas ou gestuais a partir das informações advindas do Componente Gramatical.

A GDF apresenta quatro níveis de representação compostos por camadas organizadas hierarquicamente: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico, conforme se pode observar na Figura 1:

Figura 1 - A arquitetura da GDF



Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 13.

O **Nível Interpessoal** é responsável por todos os aspectos da estrutura linguística que refletem a interação entre falante e ouvinte. Em toda interação, há uma intenção comunicativa que a motiva. Com o objetivo de atingir essa intenção comunicativa, o falante realiza uma série de ações linguísticas na construção de seu enunciado. Por isso, Keizer (2015) classifica o Nível Interpessoal como um nível estratégico.

A camada mais alta do Nível Interpessoal é denominada Movimento (M), definido por Hengeveld e Mackenzie (2008) como uma contribuição autônoma para uma interação em andamento. Conforme Kroon (1997, p. 20, tradução nossa), o Movimento é “a menor unidade livre do discurso capaz de entrar em uma estrutura de troca.”³ Desse modo, um Movimento pode ser considerado ele mesmo uma reação ou propiciar uma reação do ouvinte. Todo Movimento é composto de um ou mais Atos Discursivos (A), que são a menor unidade do comportamento comunicativo. Nesse sentido, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), por contribuírem com o desenvolvimento discursivo, Atos Discursivos compreendem desde

³ ... move is defined as the minimal free unit of discourse that is able to enter into an exchange structure.

unidades maiores do discurso, como orações, até unidades menores, como interjeições, holófrases e vocativos.

Os Atos Discursivos podem apresentar relação de equipolência ou de dependência. Os Atos Discursivos equipolentes equivalem a dois ou mais atos com estatuto comunicativo equivalente. No exemplo (01), verifica-se uma relação de equipolência entre Atos Discursivos:

(01) *Murray won. And Federer lost.*
(Murray venceu. E Federer perdeu.)
(KEIZER, 2015, p. 53, tradução nossa)

De acordo com Keizer (2015), em (01), ambos os Atos Discursivos *Murray venceu* e *Federer perdeu* têm a mesma importância comunicativa, uma vez que, segundo a autora, esses Atos têm seu próprio contorno de entonação e correspondem a uma Ilocução Declarativa. Ainda de acordo com a autora, os dois Atos Discursivos podem constituir Movimentos completos.

Diferentemente dos Atos Discursivos equipolentes, os dependentes não são equivalentes e pressupõem a existência de um Ato Discursivo Nuclear e de um Ato Discursivo Subsidiário. Enquanto o Ato Discursivo Nuclear é independente e apresenta informação completa, o Ato Subsidiário é dependente do Ato Nuclear. Em (02), exemplifica-se uma relação de dependência entre Atos Discursivos:

(02) *Watch out - there will be trick questions in the exam.*
(Cuidado. Haverá perguntas capciosas no exame.)
(KEIZER, 2015, p. 54, tradução nossa)

Conforme Keizer (2015), em (02), o primeiro Ato Discursivo, *Cuidado*, é mais importante comunicativamente e se constitui como núcleo, uma vez que expressa a intenção principal do falante. Já o segundo Ato Discursivo, *Haverá perguntas capciosas no exame*, apresenta a função comunicativa subsidiária de ser a motivação pela qual o falante profere o Ato Discursivo *Cuidado*.

De acordo com a GDF, os Atos Discursivos subsidiários podem apresentar funções retóricas, unidades linguísticas que refletem a estruturação do discurso para a realização da estratégia comunicativa do falante. A função retórica denominada Correção, de que trataremos posteriormente, recai sobre o Ato Discursivo Subsidiário, que tem um estatuto comunicativo dependente do Ato Discursivo Nuclear.

O Ato Discursivo pode apresentar quatro elementos - Ilocução (F), Falante (P₁)_s, Ouvinte (P₂)_A e Conteúdo Comunicado (C) -, sendo que Ilocução e Falante são elementos necessariamente presentes nos Atos Discursivos.

A Ilocução refere-se aos tipos de atos considerando suas intenções comunicativas. Não há, no entanto, uma relação biunívoca entre intenção comunicativa e Ilocução. Quanto aos participantes da comunicação - Falante e Ouvinte -, são eles que se alternam durante uma interação. Já o Conteúdo Comunicado apresenta a mensagem que o falante deseja evocar ao interagir com o ouvinte.

Os Atos Discursivos podem ser Expressivos, Interativos e Ilocutivos. Os Atos Discursivos Expressivos expressam emoções do falante e não têm objetivo de comunicar algo ao ouvinte; sendo assim, não apresentam Conteúdo Comunicado e o ouvinte não é manifesto, uma vez que esses atos são autodirecionados. Vejamos o exemplo (3), em que por meio do Ato Discursivo *Ai*, constituído por uma interjeição, o falante expressa sua dor:

(03) *Ouch!*

(*Ai!*)

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 63, tradução nossa)

Já os Atos Interativos apresentam formas relativamente invariáveis e, diferentemente dos Expressivos, apresentam um ouvinte. Segundo Fontes e Pezatti (2011), esses Atos envolvem cumprimentos, respostas curtas, vocativos e alguns marcadores discursivos. Em (04), observamos um Ato Discursivo Interativo representado por *Parabéns!*, um cumprimento feito a um ouvinte, elemento necessariamente presente neste tipo de Ato:

(04) *Congratulations!*

(*Parabéns!*)

(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 77, tradução nossa)

Os Atos Discursivos Interativos também podem ser representados por vocativos, como mostra o exemplo a seguir, extraído de um corpus do português falado:

(05) eh, **ó padre Francisco**, há aí um, um ponto que de facto, eh, a mim surge-me, pessoalmente, algumas dúvidas: havia alguns casos em que a língua portuguesa era ensinada como língua materna? portanto, eu digo, antigamente, ou o português era aprendido mais tarde como língua estrangeira? (TL99: Regras)

(FONTES; PEZATTI, 2011, p. 156, grifos dos autores)

Quanto aos Atos Discursivos Ilocutivos, diferentemente dos Expressivos e dos Interativos, apresentam Conteúdo Comunicado, pois comunicam algo ao ouvinte. Em (06), exemplificamos um Ato Discursivo Ilocutivo:

(06) *I hear you are planning to take your entire family to Ireland.*
 (Eu ouvi dizer que você está planejando levar toda sua família à Irlanda.)
 (KEIZER, 2015, p. 283, tradução nossa)

Em (06), o falante diz ao ouvinte que, de acordo com o que ouviu, ele planeja viajar com a família inteira à Irlanda. Assim, no exemplo, verifica-se a presença de um ouvinte e de um Conteúdo Comunicado assim como em todos os Atos Discursivos Ilocutivos.

Cada Conteúdo Comunicado é composto por um ou mais Subatos, que podem ser de Atribuição (T) ou de Referência (R). Os Subatos de Atribuição evocam uma propriedade que se aplica a uma entidade. Quanto aos Subatos de Referência, evocam um referente e, diferentemente dos Subatos de Atribuição, não dependem de sua aplicação a outra entidade, existindo por si só.

O **Nível Representacional** refere-se aos aspectos semânticos das expressões linguísticas. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), este nível centra-se nas categorias das entidades linguísticas, considerando o papel dessas entidades no mundo não-linguístico.

A camada mais alta do Nível Representacional é denominada Conteúdo Proposicional (p) e se refere a um constructo mental não localizável no espaço nem no tempo, que pode ser factual ou não-factual, podendo expressar certeza, dúvida, descrença e receber termos que indicam sua origem ou fonte (conhecimento partilhado, evidência sensorial, inferência).

Os Conteúdos Proposicionais podem apresentar um ou mais Episódios (ep), que podem conter um ou mais Estados de Coisas (e), entidade avaliada em termos de sua realidade e localizada no tempo e no espaço. Tanto Episódios quanto Estados de Coisas podem ser localizados no tempo; no entanto, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), Episódios são localizados em tempo absoluto, ou seja, apresentam marcação temporal que engloba todos os Estados de Coisas. Já estes apresentam tempo relativo, contêm marcação temporal própria, mas dependem do tempo do Episódio em que se localizam.

O Estado de Coisas (e) pode ter como núcleo uma Propriedade Configuracional (f), que se refere a moldes de predicação. Nesse caso, as unidades semânticas da predicação não apresentam uma relação hierárquica entre si. As Propriedades Configuracionais podem ser construídas por meio de várias categorias semânticas, incluindo Propriedades Lexicais (f) que se aplicam a Indivíduos (x), entidade definida por estar localizada no espaço e poder ser

avaliada quanto à existência. Essa categoria se refere a entidades animadas e não animadas. Além da Propriedade Lexical e do Indivíduo, a GDF reconhece a existência de outras entidades que podem compor um Estado de Coisas, são elas: Lugar (l), Modo (m), Quantidade (q) e Razão (r).

O **Nível Morfossintático** refere-se aos aspectos formais de uma unidade linguística, sendo responsável pela codificação morfossintática das representações semânticas e pragmáticas advindas dos níveis Interpessoal e Representacional. Esse nível não distingue os processos morfológicos dos sintáticos, uma vez que considera que a formação da palavra e a formação de orações seguem os mesmos princípios.

A camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística (Le), que faz referência a uma ou mais unidades morfossintáticas usadas independentemente. Uma Expressão Linguística pode conter Orações, Sintagmas ou Palavras.

Uma Oração (Cl) é definida por conter um conjunto de Sintagmas, ordenados segundo os padrões de cada língua. Um Sintagma (Xp), por sua vez, pode ser formado por um conjunto de Palavras, por outros Sintagmas e por Orações encaixadas. Existem diversos tipos de Sintagmas cujos nomes fazem referência ao seu núcleo. São eles: Sintagma Verbal (Vp), Sintagma Nominal (Np), Sintagma Adjetival (Adjp), Sintagma Adverbial (Advp) e Sintagma Preposicional (Prep).

Por fim, a Palavra (Xw) é formada por Radicais e Afixos. Radicais apresentam o significado básico da Palavra e os Afixos são elementos que, acrescentados aos Radicais, transformam uma Palavra em outra, processo denominado derivação.

O **Nível Fonológico**, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), é o input para a operação de Articulação, que apresenta as regras fonéticas para uma expressão adequada. Ela ocorre no Componente de Saída, fora da gramática. Da mesma maneira que os outros níveis, as representações fonológicas apresentam natureza hierárquica. O Nível Fonológico é composto pelas seguintes camadas: Enunciado (U_1), Frase Entonacional (IP_1), Frase Fonológica (PP_1), Palavra Fonológica (PW_1), Pé (F) e Sílabas (S_1).⁴

Na sequência, vemos como a correção, nosso objeto de análise, é tratada dentro do modelo teórico da GDF.

2.3. As funções retóricas no modelo da GDF

⁴ Não vamos detalhar o Nível Fonológico por não fazer parte do escopo desta pesquisa.

De acordo com a GDF, as funções retóricas se referem ao modo como os Atos Discursivos interagem entre si em um mesmo Movimento e à maneira como o falante os organiza para que seja atingida a sua estratégia comunicativa. Sendo assim, estão inseridas no Nível Interpessoal (pragmático), uma vez que cumprem seu papel na interação entre falante e ouvinte.

Todas as funções retóricas postuladas pela GDF - unidades linguísticas que refletem a estruturação do discurso para a realização da estratégia comunicativa do falante - estão presentes em um Ato Discursivo dependente e recaem sobre um Ato Subsidiário, que apresenta dependência do Ato Discursivo Nuclear em relação ao estatuto comunicativo. As funções retóricas previstas na GDF são as seguintes: **Motivação, Concessão, Aposição, Orientação e Correção.**⁵

A função retórica **Motivação** está presente no Ato Subsidiário e indica a motivação do falante para enunciar determinada Ilocução no Ato Nuclear. Essa função é apresentada sempre após o Ato Discursivo Nuclear. Em (07), observa-se a função retórica Motivação:

(07) *Watch out, because **there will be trick questions in the exam.***
(Cuidado, porque **haverá perguntas capciosas no exame.**)
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.53, tradução e grifos nossos)

Conforme exemplificado em (07), o Ato Discursivo Subsidiário *haverá perguntas capciosas no exame* apresenta a motivação por meio da qual o falante diz *Cuidado* ao ouvinte.

Keizer (2015) faz uma distinção entre a função retórica Motivação, do Nível Interpessoal, e a função semântica Causa, do Nível Representacional. A autora esclarece que a motivação é uma estratégia comunicativa por parte do falante que tem o intuito de indicar a relação entre duas ações linguísticas. Já a função Causa reflete a relação entre dois eventos.

A função retórica **Concessão**, que também pode recair sobre o Ato Subsidiário, apresenta uma objeção real ou possível ao que é expresso no Ato Discursivo Nuclear apresentado anteriormente. Em (08), há a exemplificação da função retórica Concessão:

(08) *The work was fairly easy, **although** (I concede that) **it took me longer than expected.***
(O trabalho foi bastante fácil **embora** (admito) **tenha demorado mais do que o esperado.**)
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54, tradução e grifos nossos)

⁵ Os termos originais em inglês para cada função retórica são, respectivamente, *Motivation, Concession, Aside, Orientation e Correction.*

Conforme se observa em (08), o Ato Discursivo Subsidiário *embora tenha demorado mais do que o esperado* apresenta uma objeção real ao que é apresentado no Ato Discursivo Nuclear expresso anteriormente *O trabalho foi bastante fácil*.

A função retórica **Aposição**, conforme Keizer (2015), é atribuída aos Atos Discursivos dependentes que fornecem informações de fundo sobre uma das entidades evocadas no âmbito do Ato Discursivo Nuclear. Como já havia sido apontado por Hengeveld e Mackenzie (2008), os Atos Discursivos com essa função são tipicamente expressos como orações relativas não restritivas ou elementos apositivos. Em (09), verifica-se a exemplificação da função retórica Aposição:

(09) *The students, **who, frankly, had worked hard**, passed the exam.*
 (Os alunos, **que, francamente, trabalharam muito**, passaram no exame.)
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.58, grifos dos autores, tradução nossa)

No exemplo, o Ato Discursivo Subsidiário *que, francamente, trabalharam muito* tem a função de apresentar uma informação de fundo em relação ao Indivíduo *Os alunos*, expresso no Ato Nuclear *Os alunos passaram no exame*.

A função retórica **Orientação** objetiva orientar o ouvinte em relação às intenções comunicativas do falante. Desse modo, dentro de um Movimento, o falante introduz um referente no discurso que é importante para o Ato Discursivo seguinte. Em (10), verifica-se a exemplificação da função retórica Orientação:

(10) ***my brother**, I promise not to betray him.*
 (**meu irmão**, eu prometo não trai-lo)
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55, tradução e grifos nossos)

Nesse exemplo, o Ato Subsidiário *meu irmão*, que apresenta a função retórica Orientação, é o referente introduzido pelo falante para que o ouvinte possa compreender o Ato Discursivo seguinte *Eu prometo não trai-lo*.

Conforme explica Keizer (2015), Atos Subsidiários de Orientação também podem aparecer após o Ato Nuclear, como ocorre em (11):

(11) *In that same first year of the war, Constanza met Simon, **my father***
 (Naquele primeiro ano da Guerra, Constanza conheceu Simon, **meu pai**.)
 (BYU-BNC, Keizer, 2015, p. 55, grifos da autora, tradução nossa)

Nesse caso, como mostrado, a função do Ato Subsidiário não é orientar o ouvinte para o Ato Discursivo seguinte, mas esclarecer o Ato Discursivo anterior, o que caracteriza a função retórica Correção, que veremos na sequência.

2.3.1. A função retórica Correção

A função retórica **Correção**, que nos interessa especificamente, tem como objetivo o esclarecimento do Ato Nuclear por meio de um acréscimo de informação que permite ao ouvinte interpretar corretamente a intenção comunicativa do falante. Nesse sentido, a função retórica Correção serve para esclarecer um Ato Discursivo considerado comunicativamente não adequado. Em (12), temos um exemplo, conforme apresentado pela GDF:

(12) *I promise not to betray him, **my brother***
 (Prometo não trair ele, **meu irmão.**)
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55, grifos nossos, tradução nossa)

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o Ato Discursivo Subsidiário *meu irmão*, empregado no exemplo anterior, tem a função de instruir o ouvinte a substituir o elemento *ele* pelo elemento *meu irmão* em sua representação cognitiva. Trata-se de uma correção que evita equívocos na interpretação da informação por parte do ouvinte.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a função retórica Correção pode estar relacionada a marcadores, conforme apresentado em (13):

(13) *I'd like to give your mother—your sister (**I mean**)—her book back*
 (Eu gostaria de devolver o livro a sua mãe - sua irmã (**quero dizer**).
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 56, tradução e grifos nossos)

Em (13), a expressão *quero dizer* reforça a ideia de que o termo *sua mãe*, considerado comunicativamente inadequado pelo falante, foi substituído por *sua irmã*. Dessa maneira, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a expressão *quero dizer* constitui um marcador que sinaliza a função retórica Correção.

Em estudo sobre os constituintes extraoracionais (ECCs, conforme Dik 1997a, 1997b), Keizer (2020) fala sobre os ECCs não planejados, que se configuram como correções e ocorrem, na verdade, como uma espécie de resultado do automonitoramento do **f**alante, após identificar alguma incorreção na sua fala. Como também aponta a autora, esses elementos são muitas vezes introduzidos por marcadores como *ou melhor*, *quer dizer*, conforme mostram os exemplos seguintes:

(14) *Also yesterday, **or rather Thursday**, what we had going on was oil.*
 (Também ontem, **ou melhor, quinta-feira**, o que tínhamos era petróleo.)
 (COCA, Keizer, 2020, p. 116, grifos da autora, tradução nossa)

(15) *So I just want to reassure the viewer, **I mean the caller**, that I'm feeling OK right now.*
 (Então, eu só quero tranquilizar o espectador, **quero dizer, ouvinte**, que estou me sentindo OK agora.)
 (COCA, Keizer, 2020, p. 116, grifos da autora, tradução nossa)

Keizer (2020) ressalta o fato de que em alguns casos lidamos com Esclarecimento em lugar de Correção.⁶ Nessas situações, a descrição oferecida originalmente não está incorreta, porém o falante verifica que pode não estar sendo suficientemente claro para que o ouvinte entenda sua intenção. Como vemos, estamos diante de uma mesma função retórica que serve a propósitos um pouco diferentes, Correção e Esclarecimento. Essa distinção será considerada na análise de nossos dados.

Como no caso da Correção, pode haver marcadores relacionados à função retórica Esclarecimento precedendo ou seguindo o elemento novo, como mostrado em (16):

(16) *"Why didn't he, **I mean the husband**, just kill the snake?" Jenny asked.*
 ("Por que ele, **quero dizer, o marido**, simplesmente não matou a cobra?" Jenny perguntou.)
 (COCA, Keizer, 2020, p. 116, tradução nossa)

No exemplo anterior, a expressão *quero dizer* introduz o termo *marido*, que serve para esclarecer a quem se refere o pronome *ele*, antecipando a resposta a uma possível dúvida que o ouvinte poderia ter no momento da comunicação.

O uso de expressões que se relacionam à introdução de Correção ou de Esclarecimento também é identificado em espanhol. Como veremos na análise dos dados, expressões como *es decir* são possíveis de introduzirem Atos Subsidiários de Correção, o que ocorre também com alguns marcadores discursivos típicos do espanhol.

A apresentação do modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional nos permite conhecer as unidades de cada nível para poder compreender melhor a atuação dos Atos Discursivos que funcionam como correção de outro Ato. Como pretendemos mostrar na análise, alguns casos de correção correspondem ao que a GDF chama de função retórica, por atuarem

⁶ O termo original usado por Keizer (2020) é *Clarification*.

no Nível Interpessoal. Interessa-nos mostrar as características dos Atos de Correção e dos Atos de Esclarecimento, que podem ser encontrados no espanhol, seguindo a separação feita por Keizer (2020).

Como veremos, nem todo elemento tratado como correção a partir de uma perspectiva textual-interativa pode equivaler a uma função retórica que pode ser descrita no Nível Interpessoal da GDF.

No próximo capítulo, faremos a apresentação dos aspectos metodológicos da presente investigação, incluindo os fatores em que nos baseamos para fazer a análise das ocorrências levantadas no corpus.

3

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Apresentação

Neste capítulo, descrevemos os aspectos metodológicos que norteiam a presente investigação. Assim, recordamos o modelo teórico adotado, falamos sobre o *cópus* escolhido para a pesquisa, com a apresentação das entrevistas selecionadas, e descrevemos os fatores de análise que servem como referência para a análise das ocorrências levantadas.

3.1. O modelo teórico adotado

Uma vez que estamos considerando a língua como um instrumento de interação social, julgamos que a abordagem funcionalista é a mais adequada para a realização da análise, pois volta-se para a análise de dados linguísticos produzidos e reconhecidos pelos falantes e considera que as funções da linguagem no processo comunicativo motivam a forma das expressões linguísticas.

Conforme citado no capítulo 2, dentre os vários modelos de natureza funcionalista, optamos pelo modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), um modelo estruturado em níveis e camadas, que se organizam de maneira hierárquica, obedecendo a uma arquitetura *top-down*, que parte da intenção comunicativa para a codificação e, conseqüentemente, para a expressão. A arquitetura descendente do modelo indica que as decisões tomadas nos níveis superiores determinam e restringem as decisões tomadas nos níveis inferiores.

Como já mencionado, o modelo apresenta quatro níveis de análise: o Nível Interpessoal, em que se descrevem as relações pragmáticas, o Nível Representacional, em que se descrevem as relações semânticas, o Nível Morfossintático, em que se descrevem os aspectos estruturais de uma unidade linguística, e o Nível Fonológico, que não será considerado neste trabalho. Como pretendemos mostrar na análise, as estratégias de correção empregadas pelo falante, que podem ter diferentes codificações no Nível Morfossintático, são marcadas de diferentes maneiras no Nível Interpessoal e no Nível Representacional.

Conforme verificado no capítulo 1, os estudos sobre correção, realizados principalmente sob uma perspectiva textual-interativa, mostram que tal ato de reformulação se configura como uma estratégia interacional que se volta para a eliminação de possíveis “erros” que poderiam prejudicar a comunicação entre os participantes da interação. Como uma estratégia interacional, a correção é tratada como a função retórica denominada Correção ou Esclarecimento no modelo da GDF, sendo, portanto, descrita no Nível Interpessoal a partir da relação entre Ato Nuclear e Ato Subsidiário, voltando-se à continuidade da conversação.

Entretanto, como pretendemos mostrar, há ocorrências que parecem não se configurar como casos de função retórica, por não estarem diretamente relacionadas com a interação. Procuraremos verificar como esses casos poderiam ser tratados pelo modelo.

3.2. O *cópus*

O *cópus* da pesquisa está formado por um conjunto de entrevistas semidirigidas de espanhol falado que fazem parte do PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*),⁷ coordenado pelo professor Francisco Moreno Fernández, da Universidade de Alcalá de Henares, Espanha. O PRESEEA objetiva a criação de um *cópus* de língua falada que abranja tanto o espanhol da Espanha quanto o da América. Por ser um *cópus* que registra a língua falada, apresenta diversidades sociolingüísticas das comunidades de fala, o que o caracteriza como um projeto sociolingüístico.

As amostras do PRESEEA são recolhidas por meio de conversações gravadas que acontecem entre o entrevistador e os informantes, denominadas entrevistas semidirigidas. Por ser um *cópus* de língua falada, o PRESEEA se constitui como um *cópus* ideal para este trabalho, uma vez que, segundo Marcuschi (2001), o texto falado apresenta as marcas de construção textual, o que propicia a ocorrência de casos de correção. Por se tratar de entrevistas, há uma interação existente necessariamente entre um falante e um ouvinte, essencial para identificar diferentes tipos de correção, considerando-se a possibilidade de que as correções sejam realizadas pelo próprio falante ou pelo ouvinte.

As entrevistas foram coletadas de modo a atender as seguintes variáveis sociais: sexo, idade e nível de escolaridade, que, entretanto, não foram diferenciadas na análise dos dados. Considerando as várias cidades espanholas e hispano-americanas que integram o projeto, selecionamos amostras das cidades espanholas de Granada e de Valência, por estarem em fase

⁷ Disponível em <https://preseea.linguas.net/>.

avançada de organização, disponibilizando dados transcritos e publicados, acompanhados também das gravações. Procuramos manter uma homogeneidade dos dados, de modo a incluir apenas dados do espanhol peninsular e não de outras variantes hispânicas.

No total, foram selecionadas 20 entrevistas de Granada e 3 entrevistas de Valência, resultando em 23 entrevistas integrantes da amostra. Os dados do espanhol falado compreendem 13 horas e 38 minutos de gravação.

3.2.1. O gênero entrevista

Nas entrevistas, há comumente um entrevistado e um entrevistador que são os participantes da atividade conversacional. Segundo Lins e Marchezi (2010), o modelo da entrevista é composto por, pelo menos, dois indivíduos, que apresentam papéis específicos. Ainda segundo as autoras, nas entrevistas, o entrevistador é responsável pela realização de perguntas e o entrevistado, pelas respostas, o que constitui uma atividade conversacional. Tendo em vista que a entrevista é uma atividade conversacional e que, conforme Barros (1999), a correção se constitui como uma das características da conversação, é natural que o processo de correção esteja presente nas entrevistas.

De acordo com Marcuschi (1997), uma entrevista se caracteriza por ser uma interação assimétrica, uma vez que os papéis do entrevistador e do entrevistado são diferentes e, sendo assim, há uma relação hierárquica entre eles. O entrevistador é quem gerencia a interação, fazendo as perguntas e direcionando os temas a serem tratados. O entrevistado, por sua vez, permanece mais tempo com o turno, pois é ele quem deve ser ouvido.

No caso das entrevistas que integram o corpus do presente trabalho, resultantes da criação de um banco de dados de língua falada, o entrevistado precisa permanecer o máximo possível com o turno, para que forneça material de língua falada analisável.

3.3. Os fatores de análise adotados

Como método de investigação, primeiramente, foi realizado um levantamento no corpus dos casos de correção identificados, para posterior classificação. Foram descartados da análise os casos de correção que envolviam truncamentos ou palavras cortadas, como o exemplificado a seguir:

(01) (...) porque el ejército así formado es realmente malo ¿no?/ es realmente malo porque aparte noo **tie- puede tener** la preparación//
(PRESEEA_VALENCIA_H332_03)

(porque o exército formado assim é realmente ruim, não? é realmente ruim porque não pode ter a preparação)

No exemplo, parece haver a interrupção da forma verbal *tiene* (*tem*), que aparece truncada e é substituída pela perífrase verbal *puede tener* (*pode ter*). Entretanto, dada a impossibilidade de se afirmar com segurança o enunciado substituído, em razão da incompletude, dados desse tipo foram excluídos.

Também não tratamos como casos de correção as ocorrências em que há colaboração entre falante e ouvinte para completar a informação, sem que haja substituição da forma anterior, mas apenas uma complementação, como vemos no exemplo a seguir:

(02)

E: y ¿tenéis marcas/ exclusivas?// es decir marcas que sólo tiene esta tienda/ y no tiene otra// ¿o con eso no trabajáis?

I: exclusivas no/ nosotros somos **multi multi**

E: **multimarcas**

I: multimarcas/ no son marcas// comercialmente/ nacionales ni internacionales

(PRESEEA_GRANADA_H12_019)

(E: vocês têm marcas exclusivas?, quero dizer, marcas que só esta loja tem e outra não tem ou vocês não trabalham com isso?)

I: exclusivas não. Nós somos multi, multi...

E: multimarcas

I: multimarcas, não são marcas comercialmente nacionais nem internacionais)

No exemplo, o entrevistado (I) não consegue completar o enunciado, sendo auxiliado pelo entrevistador (E), que completa a palavra *multimarcas*, numa atitude colaborativa em que se observa, ainda, a expressão de cortesia. Na sequência, o entrevistado acata a ajuda e retoma o turno.

Após a exclusão dos elementos que não formam parte da nossa proposta de análise, procedemos ao levantamento das ocorrências que selecionamos como casos de correção. Consideramos, na composição da amostra, todos os casos que traziam uma espécie de reformulação do enunciado ou termo anterior, sem distinguir, num primeiro momento, se esses elementos eram tratados originalmente como correção ou se poderiam ser confundidos com hesitação ou paráfrase, conforme discutimos no capítulo 1.

Os dados levantados foram classificados com base em um conjunto de fatores que buscam conciliar elementos da perspectiva textual-interativa com o modelo da Gramática Discursivo-Funcional. Assim, procuramos investigar:

- a) A origem da correção, fator diretamente relacionado aos participantes da interação (autocorreção ou heterocorreção).
- b) A natureza da correção, que pode introduzir uma substituição parcial do elemento anterior (retificação, nesse caso) ou uma substituição total do enunciado anterior (infirmiação).
- c) A abrangência da correção, que pode ocorrer em virtude de uma alteração semântica (mudança de significado), morfossintática ou fonológica.
- d) O papel do Ato Discursivo reformulador, que conforme proposta da GDF, pode marcar uma função retórica de Correção ou de Esclarecimento.
- e) A correção como uma estratégia que visa a preservar a face do próprio falante ou do ouvinte.
- f) A correção como expressão da cortesia ou da descortesia linguística, a partir da relação estabelecida entre os interlocutores.
- g) A existência de elementos que podem introduzir a correção (como *es decir*, por exemplo).

Na sequência, explicamos cada um desses fatores.

3.3.1. A origem da correção

Conforme previsto originalmente por Schegloff, Jefferson e Sacks (1977), a correção pode ter origem no próprio falante, em relação a um conteúdo que tenha enunciado, ou pode ter origem no ouvinte, em relação a algo que o falante tenha dito. Desse modo, podemos ter, respectivamente, uma autocorreção, conforme exemplificado em (03), ou uma heterocorreção, conforme exemplificado em (04):

(03)

E: ¿Y ahora en qué consiste tu trabajo?

I: Bueno// ee **eso me pregunta** mi madre/ **ya no me lo pregunta me lo preguntaba**

(risas = E) ///

(PRESEEA_GRANADA_H32_07)

(E: E agora, em que consiste seu trabalho?

I: Bom, isso me pergunta a minha mãe. Me pergunta não, me perguntava.

E: (risos)

(04)

E: ¿y tú tienes pensamiento de casarte?

I: pues/ habría que casarse ¿no?

E: claro

I: (risas) cualquiera aguanta a mi madre después si no (risas)

E: ¿y cómo te lo imaginas tú?

I: y yo qué sé/ eso no me lo he planteado

E: **no lo habéis pensado todavía**

I: **pensarlo lo piensas/** pero imaginármelo// pues no iba a imaginar la verdad/// yo es que creo que eso no te lo puedes imaginar ¿no?

(PRESEEA_GRANADA_H12_021)

(E: E você pensa em se casar?

I: Teria que me casar né?

E: Claro

I: Qualquer um que aguento minha mãe depois se eu não [me casar]

E: E como você imagina isso?

I: Sei lá... Eu não pensei nisso

E: não pensaram ainda

I: pensar a gente pensa, mas imaginar eu não imagino, na verdade. Acho que isso você não consegue imaginar, né?)

Em (03), temos a exemplificação de um caso de autocorreção, pois o falante se autocorrigue, substituindo *me pregunta* por *me lo preguntaba* em razão da mãe já ser falecida. Em (04), o falante I corrige a afirmação feita pelo falante E de que ele não tinha pensado ainda em casamento, o que se configura como heterocorreção.

Nossa hipótese para esse fator de análise é que, com base no corpus adotado, sejam mais frequentes os casos de autocorreção, uma vez que, nas entrevistas semidirigidas, o entrevistado permanece mais tempo com o turno e o entrevistador deve permitir que ele fale sem interrupções, apenas formulando as perguntas e organizando a interação.

3.3.2. A natureza da correção

Como já mencionado no capítulo 1, segundo Charolles (1987), a correção pode ser uma retificação, quando ocorre substituição parcial do enunciado anterior, ou uma infirmação, quando há substituição total dele, como vemos nos exemplos (05) e (06), respectivamente:

(05) Y yo recuerdo/cuando e-**el mercado** no existía// **lo que es el edificio me refiero**
(PRESEEA_VALENCIA_M132_01)

(E eu lembro quando o mercado não existia, me refiro ao que é o prédio do mercado)

(06) me propuso venirme de maestro a Grana(palabra cortada) a Granada// y entonces ee desde el año setenta y dos// yo me vine de maestro a Granada// he est(palabra cortada) he esta(d)o **dieciséis**// he esta(d)o/ no he perdido la cuenta// **veintiún años** de maestro en el reformatorio// (PRESEEA_GRANADA_H33_14)

(Ele propôs que eu viesse a Granada e então desde o ano setenta e dois eu vim a Granada como professor. Eu fiquei dezesseis... eu fiquei.... não, perdi a conta, vinte e um anos como professor no reformatório)

Em (05), verifica-se uma retificação, pois o falante não se refere ao mercado, que é algo antigo e tradicional, mas ao atual prédio onde o mercado funciona; é exatamente com relação a esse edifício que o falante se corrige. Em (06), ocorre infirmação, ou substituição total, visto que o falante anula a informação referente ao tempo em que atuou como professor (dezesseis anos) e a substitui pelo tempo correto (vinte e um anos).

Na análise dos dados, pretendemos verificar se a infirmação corresponde a uma correção propriamente dita e se a retificação está mais relacionada à paráfrase e, conseqüentemente, a um esclarecimento, o que poderia eventualmente nos ajudar a explicar a separação entre função retórica Correção e função retórica Esclarecimento.

3.3.3. A abrangência da correção

Conforme assinalamos no capítulo 1, as correções feitas pelo falante podem alterar a semântica, a morfossintaxe ou a fonética dos elementos corrigidos. No primeiro caso (exemplificado em (07)), há alteração de significado. No segundo caso (exemplificado em (08)), o falante se dá conta de que cometeu um erro de natureza morfossintática, relacionado à concordância de número, e o corrige. Já nas correções de natureza fonético-fonológica (conforme exemplificado em (09)), o falante altera um determinado fonema em situações em que a forma codificada não corresponde ao que pretendia dizer. Vejamos os exemplos:

(07) las asignaturas quee- o las más las más digamos **loos- los temas** que eran más-me resultaban más próximos eran cosas como la estadística o lo teoría de la probabilidad/ (PRESEEA_VALENCIA_H332_03)

(as disciplinas que, digamos, os temas que me eram mais familiares eram coisas como a estatística ou a teoria da probabilidade)

(08) el blanco// palo/// es// son colores que este año/ van a/ van a dar en este verano en dos mil ocho (PRESEEA_GRANADA_H12_020)

(o branco, madeira, é são cores que este ano vão estar na moda neste verão em dois mil e oito)

(09) y te dice “mira/ te fícho”/// y te dice que// digamos/ la marta la marca más comercial más grande que ahora// hay ahora mismo... no sé cuál es pero/// que te fiche para la marca más comercial y más grande (PRESEEA_GRANADA_H12_020)

(e te diz “olha, te filio” e te diz que, digamos, a marta, a marca mais comercial, maior que existe agora... Não sei qual é, mas que você se filie à marca mais comercial e maior)

No exemplo (07), o falante substitui *las asignaturas* (as disciplinas) por *los temas* (os temas), corrigindo o que representava um erro de significado. Em (08), a substituição é da forma verbal *es* (singular) por *son* (plural), para corrigir o que era um problema de concordância. Por fim, em (09), o falante comete um erro de troca de fonema *e*, para corrigi-lo, substitui o fonema *t* de *marta* pelo fonema *c* em *marca*.

Na análise dos dados, pretendemos verificar como esses casos de correção podem ser tratados e se correspondem ao que a Gramática Discursivo-Funcional denomina função retórica.

3.3.4. O papel do ato reformulador

Conforme proposto nos nossos objetivos específicos, pretendemos verificar, entre os casos que tratamos inicialmente como correção, quais poderiam ser considerados Atos Discursivos que recebem a função retórica Correção, conforme postulado pela Gramática Discursivo-Funcional.

O ato reformulador, ou seja, o elemento que substitui o anterior por meio da correção, pode ser representado, no modelo da GDF, por um Ato Discursivo subsidiário que corrige o Ato Discursivo principal. Em Hengeveld e Mackenzie (2008), assim como em Keizer (2015), os Atos Discursivos de Correção (*Correction*) e de Esclarecimento (*Clarification*) são tomados como sinônimos. Em Keizer (2020), já existe uma proposta de se estabelecer uma separação entre os dois tipos de função retórica, o que poderia mostrar diferentes naturezas do ato corretivo.

A partir da leitura de Keizer (2020), passamos a defender a existência de uma distinção entre as duas funções retóricas no Nível Interpessoal. Os exemplos (10) e (11) ilustram, respectivamente, o que vamos tratar como um caso de Correção e como um caso de Esclarecimento:

(10) Pues nos fuimos desde Granada/ salimos desde el Triunfo/ cogimos un autobús/ que nos llevó a Málaga// y ya en Málaga cogimos **el autobús que el autobús sí/ el avión/** para Frankfurt/ desde Frankfurt cogimos/ **otro avión//** que nos llevó a// a Koblenze/ que es fue el lugar donde nos movimos// desde donde nos movimos.
(PRESEEA_GRANADA_31H_02)

(Fomos embora de Granada, saímos do Triunfo, pegamos um ônibus que nos levou à Málaga e já em Málaga pegamos o ônibus, o avião para Frankfurt. De Frankfurt pegamos outro avião que nos levou a Koblenze, que foi o lugar de onde nos movimentamos)

(11)

E: Ee a ver ¿tienes al(palabra cortada)... tienes pensado realizar algún viaje?

I: Sí// me v(o)y a ir en el verano a Alemania/ a Koblenze o algo así Coblenza.

E: ¿Cuándo?

I: Pues nos vamos a ir en julio/ y sería del veinte al veintisiete/ y luego es que **ellos** vinieron **los alemanes vinieron** para acá/ entonces un intercambio cultural/ y sé que vamos a hacer un viaje/ por el río Rhin/ y que está cerca de Colonia/ (PRESEEA_GRANADA_M31_04)

(E: Você está pensando em realizar alguma viagem?

I: Sim, eu vou no verão para a Alemanha, para Koblenze ou algo assim, Coblenza.

E: Quando?

I: Vamos em julho e seria do dia vinte ao dia vinte e sete; é que eles vieram, os alemães vieram para cá, então é um intercâmbio cultural, e sei que vamos fazer uma viagem pelo rio Rhin e que está perto de Colônia)

Ao observarmos os exemplos, vemos que, em (10), temos um caso de correção que corresponde também ao que já tratamos como infirmação, pois há substituição de *autobús* por *avión*, durante um processo de automonitoramento do falante. Em (11), por sua vez, temos um caso de retificação, pois o termo *alemanes* não anula o termo anterior, mas serve para esclarecer a quem *ellos* se refere, evitando, assim, uma ambiguidade que poderia prejudicar a comunicação. Trata-se, portanto, de um caso que passaremos a analisar como esclarecimento.

No que concerne às ocorrências de correção, pretendemos verificar se estão diretamente relacionadas a uma preocupação do falante com o sucesso da comunicação na interação, o que justificaria a classificação como função retórica nos termos da GDF, ou se são apenas Atos Discursivos, tratados como correção de uma perspectiva textual-interativa, mas que não se configurariam como uma função retórica no Nível Interpessoal da GDF. Com relação às ocorrências de esclarecimento, acreditamos que são as que mais representam um compromisso do falante com a interação, pois revelam um cuidado maior com a compreensão do outro.

3.3.5. A correção como estratégia de preservação da face

Como já apontamos no capítulo 1, a correção pode permitir ao falante preservar a própria face ou a face do outro, a depender da situação em que é empregada. Normalmente, em situações de interação, a correção como preservação da própria face ocorre quando o falante, no ato da enunciação, se dá conta de que seu enunciado pode gerar uma imagem negativa dele mesmo.

Na análise dos dados, pretendemos verificar as ocorrências em que ocorrem casos de preservação da face em função de informações que poderiam soar como ofensivas ou mesmo expor alguma condição que o falante gostaria de ocultar. Um exemplo pode ser observado em (12):

(12) mi padre llegó a ser alcalde del pueblo/// era el alcalde era el panadero/ era el/ el practicante (risas = E, I)/ era el el barbero mm/ todo porque no sé era una persona// muy **tranquila**/ muy tranquila muy pero muy activo en el sentido/ **tranquilo me refiero a/ sereno ¿no?**/ que no era tipo así nervioso pero muy activo en hacer en hacer cosas// (PRESEEA_GRANADA_M33_16)

(meu pai chegou a ser prefeito da cidade, era o prefeito, era o padeiro, era o médico, era o barbeiro, tudo porque ele era uma pessoa muito tranquila, mas muito ativo no sentido... quando digo tranquilo me refiro a sereno, né? Que não era tipo assim nervoso, mas muito ativo em fazer coisas)

No exemplo, o falante esclarece o que quer dizer com o emprego do adjetivo *tranquilo*, por entender que o ouvinte poderia fazer uma interpretação equivocada sobre seu pai. O esclarecimento serve ao mesmo tempo como um recurso de proteção à face, visto que a preocupação dele era a de que o adjetivo *tranquilo* fosse interpretado como “folgado”, o que geraria uma imagem negativa de seu pai.

Na análise dos dados, pretendemos verificar se as ocorrências de correção ou de esclarecimento podem trazer evidências de que o falante protege a própria face, temendo interpretações equivocadas a seu respeito, ou a do interlocutor, evitando informações que podem soar como ofensivas.

3.3.6. A correção como expressão da (des)cortesia

Como vimos no capítulo 1, a correção também pode estar relacionada com formas de expressão da cortesia ou da descortesia, evidenciadas pelos elementos contextuais. Para a análise dos dados, hipotetizamos dois elementos contextuais que podem favorecer a expressão da (des)cortesia: a correção colaborativa (heterocorreção) e a correção com efeito de esclarecimento.

No primeiro caso, um dos falantes corrige uma informação ou parte da informação dada por seu interlocutor, sem que ele se sinta constrangido ou ameaçado. A correção, nesse caso, tem o compromisso de manter a compreensão mútua e ainda expressar cortesia, na medida em que um dos participantes da interação contribui com os argumentos do outro. Vejamos o exemplo a seguir, extraído do corpus:

(13)

I: lo que pasa es que se vino aquí// y ya/ pues/ entonces/ siguió y/ y/ de golpe y porrazo/ nos dijeron// “venga/ del tirón”/// del/ del tirón/ que yo estaba/ estaba de vacaciones/ en mi pueblo y/ dijeron/ “ya no vienes más”// ya no vamos para Cuenca allí te quedas// y allí me quedé

E: o sea/ que fue **un poco sorpresa**
 I: fue **sorpresón**//
 (PRESEEA_GRANADA_H12_021)

(I: o que acontece é que ele veio aqui e ficou e de repente nos disseram “venha de uma vez”. Eu estava de férias na minha cidade e disseram “você não vem mais”, não vamos mais para Cuenca, você fica lá, e lá fiquei.

E: ou seja, foi um pouco surpresa

I: foi uma grande surpresa)

No exemplo, o informante (I), substitui o termo mencionado pelo entrevistador (E), *un poco sorpresa* (um pouco surpresa) por *sorpresón* (uma grande surpresa). Essa substituição realizada pelo informante pode ser interpretada como um caso de cortesia, já que segue a mesma linha de argumentação do entrevistador. A correção, nesse caso, é para demonstrar concordância e reforçar ainda mais a ideia de surpresa a que o falante se referia.

Um segundo caso que pode favorecer a expressão da cortesia mediante o uso de uma estratégia de correção é quando o falante se preocupa com uma lacuna ou ambiguidade em sua informação e se corrige, acrescentando algo. Nesse caso, os Atos Discursivos que já são tratados na GDF como casos de função retórica podem também servir à expressão da cortesia, como mostra o exemplo (14):

(14) Víctor claro es el chico seguramente será porque es el chico/// y es el único que nos está dando/ problemas en el colegio/// pues por/ fundamentalmente no porque no tenga capacidad que la tiene porque yo cuando me pongo con él a hacer deberes// los hace/ y además los hace en cinco minutos los entiende y tal/ pero/// a él le gusta darle pata(d)as al balón y pasear con su bicicleta y tal// y/ y es otra cosa/ Víctor/ pues/ eso de llevar los deberes al día y tal no/... hace poco tuvimos/ nos llamaron del colegio/ y/ siempre/ bueno// **íbamos nosotros** y no llevábamos íbamos **Eulalia y yo** y no llevábamos al niño/ (PRESEEA_GRANADA_H32_07)

(Victor, claro, é o menino, com certeza é porque é o menino, e é o único que está nos dando problemas no colégio, não porque não tenha capacidade, porque ele tem, porque quando eu fico com ele pra fazer as tarefas, ele faz, e faz em cinco minutos, entende e tal. Mas ele gosta de chutar bola e de andar de bicicleta e tal, e é outra coisa. Isso de manter as tarefas em dia, não. Há poucos dias nos ligaram do colégio e sempre nós íamos e não levávamos, íamos Eulália e eu e não levávamos o menino)

Nessa ocorrência, a primeira pessoa do plural (*íbamos*) pode ser ambígua, já que em um primeiro momento não fica claro a quem pode se referir (se faz referência ao informante e sua esposa ou ao informante e seu filho, por exemplo). Assim, o Ato de Esclarecimento (*íbamos Eulalia y yo*) vem para desfazer qualquer ambiguidade ou lacuna existente na informação. Ao mesmo tempo, pode ser interpretado como uma cortesia do falante para com o seu ouvinte, na

medida em que se antecipa a qualquer dúvida que ele pudesse ter.

Além dos casos de autocorreção, os casos de heterocorreção podem constituir cortesia, mas também podem favorecer a expressão da descortesia, que seria uma tentativa de impedir que o “erro” identificado na fala do outro seja mantido, havendo, portanto, interferência do ouvinte no turno do falante para que a reformulação do enunciado aconteça. Essa interferência pode soar como descortês e até mesmo ameaçadora.

3.3.7. Os elementos marcadores de correção

De acordo com Gulich e Kotschi (1987), as marcas de correção constituem um indicador da decisão do falante pela segunda formulação, favorecendo o reconhecimento do ato de correção e do tipo de reformulação empregado.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006), a correção sempre apresenta um sinal para evidenciar o caráter reformulador. Em português, a correção é muitas vezes introduzida por elementos como *ou melhor* ou *quer dizer*. Na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 56) também consideram a existência de elementos como *I mean*, do inglês, que atuam como marcadores da função retórica Correção.

Nosso intuito, ao analisar os dados do espanhol, será verificar se há algum elemento marcador no espanhol que possa introduzir um ato corretivo.

Uma vez que expusemos os fatores que vamos empregar para nortear a análise a ser empreendida no trabalho, apresentaremos, no capítulo seguinte, a descrição e a análise das ocorrências de correção que identificamos nas entrevistas que integram o nosso corpus.

4

ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DE CORREÇÃO

Apresentação

Neste capítulo, apresentamos a análise das ocorrências de correção levantadas no corpus, em conformidade com os fatores de análise descritos no capítulo metodológico. Os casos identificados serão descritos predominantemente de modo qualitativo, com o intuito de mostrar as características principais que se relacionam à correção no espanhol falado. Ao final, apresentamos uma síntese dos tipos de correção analisados.

4.1. Caracterização geral dos dados

Considerando o papel da correção como substituição ou como esclarecimento, como já apontamos nos capítulos anteriores, levantamos, nos dados, ocorrências que trazem algum tipo de modificação no elemento anterior, seja pela existência de um “erro” ou “equivoco” observado pelo falante, seja pela necessidade que o falante tem de fazer algum tipo de esclarecimento, propondo, assim, uma reformulação.

Todas as estratégias de correção apresentam, de um modo geral, a intenção de dar continuidade à conversação e desfazer equívocos que possam ter sido gerados durante a interação. Desse modo, conforme Fávero, Andrade e Aquino (1995), a função geral da correção é interacional.

Dentro do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, as ocorrências de correção são tratadas como uma função retórica do Nível Interpessoal, o nível pragmático, que se refere aos aspectos relacionados à interação entre falante e ouvinte. A correção constitui uma escolha que se relaciona à manutenção do papel que os participantes da interação têm durante a interação verbal e também aos seus propósitos comunicativos.

4.2. Análise da correção de acordo com os fatores estabelecidos

Considerando o corpus adotado, composto por 23 entrevistas, foram levantadas 179 ocorrências que tratamos como casos de correção ou de esclarecimento. Os dados serão apresentados de acordo com fatores de análise descritos no capítulo anterior, a saber: a origem da correção, a natureza da correção, a abrangência da correção, a função retórica do Ato

Discursivo, considerando as funções previstas pela GDF e por Keizer (2020), a presença de elementos marcadores de correção, a correção como estratégia de preservação da face e a correção como expressão da cortesia.

4.2.1. A origem da correção

No *cópus* analisado, consideramos como casos de heterocorreção quando o falante é corrigido pelo ouvinte, seja ele o entrevistador ou o entrevistado. Já os casos de autocorreção acontecem quando o falante se corrige enquanto está com o turno. Todos esses casos mostram uma preocupação com a continuidade da conversação por parte de ambos os interlocutores

Considerando o universo das entrevistas semidirigidas que integram nosso *cópus*, em que o entrevistador tende a ser mais polido porque quem deve permanecer mais tempo com o turno é o entrevistado, era esperado que tivéssemos mais casos de autocorreção, o que se confirmou.

Apenas 7 casos de heterocorreção foram identificados no *cópus*. Em (01), verifica-se um dos casos:

(01)

B: (...) estábamos los seminaristas estudiando en eel- en el Ceu san Pablo porque había un convenio/ entre el Ceu san Pablo como ocupaba los

A: **edifi [cios]**

B: **[el edi] ficio**/ pues entonces los seminaristas estudiábamos allí///
(PRESEEA_VALENCIA_HC231_02)

(B: (...) estábamos nós, os seminaristas, estudando no Ceu san Pablo porque tinha um convênio entre o Ceu san Pablo como ocupava os

A: edifícios

B: o edifício / então nós, seminaristas, estudávamos ali)

A ocorrência (01) mostra um caso de heterocorreção, pois B corrige a informação apresentada por A, substituindo *edificios* (edifícios) por *el edificio* (o edifício), mostrando que não se tratava de um conjunto de edifício, mas apenas de um. Há, assim, uma correção entre Movimentos referente ao operador de identificabilidade *edificios* (edifícios).

Em (02), verifica-se outro caso de heterocorreção:

(02)

I: por ejemplo si yo te digo Adolfo Domínguez/// nosotros tenemos/ ropa nada más que/ de hombre// de Adolfo Domínguez

E: ajá

I: o sea// no todo es de Adolfo Domínguez sino que algunas sudaderas son de Adolfo Domínguez

E: sí

I: hay... guantes/ hay cinturones hay/// qué más te puedo decir hay// camisetas// algún traje que otro// de terciopelo/ de Adolfo Domínguez/ y// más bien de/ de mujer nunca hemos comprado Adolfo Domínguez/que yo/ no/ que yo recuerde nunca/// y/ y se// y se compra y se ve/// Adolfo Domínguez pues es de// si tú te vas a Italia o a Francia no sé yo sí// sí se// si (simultáneo: E = sí yo creo que esas tiendas están por allí/ bueno aquí también// aquí también) sí se escucha// sí se escucha también

I: sí en Granada estamos rodeados de Adolfo Domínguez (fragmento ininteligible)

E: claro ¡ah! tenéis una tienda cerca/ ¿no?

I: tenemos la de la calle Mesones

E: que esa **es de jóvenes**

I: **de mujer**/// nada más/// (PRESEEA_GRANADA_H12_020)

(I: Por exemplo, se eu te digo Adolfo Domínguez, nós só temos roupa de homem de Adolfo Domínguez

E: Aham

I: ou seja, nem tudo é de Adolfo Domínguez, mas sim alguns moletos são de Adolfo Domínguez

E: Sim

I: tem luvas, tem cintos, o que mais eu posso te dizer? Tem camisetas, um ou outro terno de veludo de Adolfo Domínguez. De mulher nunca compramos Adolfo Domínguez que eu me lembre, e se compra e se vê Adolfo Domínguez. Se você vai à Itália ou à França não sei, eu sim (E = sim, eu acho que essas lojas estão por lá, bom, aqui também), sim, se ouve, se ouve também.

I: sim, em Granada estamos rodeados de Adolfo Domínguez

E: claro, vocês têm uma loja perto, né?

I: temos a da Rua Mesones

E: essa é pra jovens

I: pra mulher, mais nada.)

A ocorrência (02) apresenta uma heterocorreção, uma vez que o informante, representado por I, responde à pergunta corrigindo o entrevistador, representado por E, substituindo *jóvenes* por *mujer* ao fazer referência ao tipo de público que sua loja atendia.

Em uma das ocorrências, ilustrada em (03), observamos um caso de heterocorreção e um caso de autocorreção quase concomitantes. Vejamos:

(03) E: Oye ¿y **el chiquitillo** de tu hermano Antonio?

I: **La chiquitilla** tiene (simultâneo: E = o la niña/ es una niña) sí/ pues tiene cuatro/ los cinco años los cumple ahora en julio/// pues mu(y) bonica// lo que pasa que mu(y) solilla/ mu(y) solilla mu(y) solilla. (PRESEEA_GRANADA_M32_10)

(E: E o menininho do seu irmão Antônio?

I: A menininha tem (simultâneo: E: a menina, é uma menina) sim, tem quatro anos, faz cinco anos agora em julho. É muito bonita, o que acontece é que ela é muito sozinha)

No exemplo, o informante, representado por I, corrige o que é dito pelo entrevistador, representado por E, substituindo *chiquitillo* (menininho) por *chiquitilla* (menininha), o que constitui um caso de heterocorreção. De maneira simultânea, o entrevistado percebe o erro que

havia cometido e também se corrige, confirmando que se tratava de uma menina e não de um menino. Assim, a heterocorreção de I provoca, em E, a necessidade de se corrigir também. Trata-se de uma correção que ocorre entre Movimentos, uma vez que o Movimento de reação *chiquitilla* (menininha) substitui o Movimento de iniciação *chiquitillo* (menininho).

Nos exemplos apresentados, a correção se volta para a fala do outro, numa tentativa de garantir o sucesso da comunicação e evitar que ela prossiga com erros.

A Gramática Discursivo-Funcional não prevê casos de função retórica que seja atribuída a Atos Discursivos de diferentes participantes, localizados em diferentes Movimentos. Ainda nos exemplos apresentados, não podemos falar em atribuição de função retórica a um Ato Discursivo, porque, em todos os exemplos, o que verificamos foi a substituição de um Subato de Referência por outro. Sendo assim, os casos de heterocorreção, comumente tratados de uma perspectiva textual-interativa, ainda não são devidamente tratados no modelo da GDF.

Como era esperado, em função do tipo de córpus adotado, os casos de autocorreção foram bem mais frequentes (172 ocorrências registradas). Vejamos, inicialmente, os exemplos (04) e (05):

(04) I: (...) ¿cómo es el terreno?

E: sí

I: el terreno es/ **triangular**/// **no**/ **triangular** **no**/ **rectangular**///
(PRESEEA_GRANADA_M12_023)

(I: Como é o terreno?

E: Sim

I: O terreno é triangular. Não, triangular, não, retangular)

(05)

E: Mm ¿t(e) acuerdas del día de tu Primera Comunión?

I: Sí.

E: A ver cuéntamelo.

I: Pues fue un día treinta y uno de **marzo**// y/ **o mayo**/ **mayo**/ **mayo**/ y tengo mu(y) buenos recuerdos

(PRESEEA_GRANADA_H31_01)

(E: Você se lembra do dia da sua primeira comunhão?

I: Sim.

E: Me conte.

I: Foi em um trinta e um de março, maio, maio, e tenho muito boas recordações)

A ocorrência (04) traz um caso de autocorreção, pois o falante reformula o próprio enunciado ao substituir o Subato Atributivo *triangular* (triangular) por *rectangular* (retangular)

para caracterizar corretamente o terreno do qual fala. Já em (05), o falante se corrige, substituindo o Subato Referencial *marzo* (março) por *mayo* (maio), em razão de um equívoco cometido por ele.

Como esperávamos verificar, todas as ocorrências de autocorreção foram feitas pelo entrevistado, que no contexto das entrevistas semidirigidas é quem fica a maior parte do tempo com o turno e que tem a maior responsabilidade por transmitir as informações, visto que o entrevistador tem apenas o compromisso de deixar o informante falar e permanecer com o turno o maior tempo possível.

4.2.2. A natureza da correção

Conforme já havíamos mencionado nos capítulos 1 e 3, nosso intuito é verificar se a infirmação, que traz uma correção total, poderia estar vinculada à estratégia de correção propriamente dita, enquanto a retificação, que introduz um tipo de correção parcial, poderia se relacionar à paráfrase.

A análise dos dados não confirmou nossa hipótese, pois em todos os casos de substituição parcial ou total do elemento anterior, a estratégia observada foi a de correção. Vejamos os exemplos:

(06) cuando ya era más viejo y no podía moverse/publicó dos tomos/dos gruesos tomos sobre/ la relación de **los escarabajos/ no/ escarabajos no/ de loos ee polinizadoores/ de los abejorros/** de los abejorros con un montón de flores/ (PRESEEA_VALENCIA_MC132_96)

(quando já era mais velho e não podia se mexer, publicou dois volumes, dois volumes grossos sobre a relação dos besouros, não, besouros não, dos polinizadores, dos zangões, dos zangões com um monte de flores)

(07) yo ya había esta(d)o een- en Sudamérica// porque estuve eN Argentina **eN el año ochenta y nueve// no/ eN el ochenta y ocho//**miento (PRESEEA_VALENCIA_MC132_96)

(Eu já tinha estado na América do Sul porque estive na Argentina no ano oitenta e nove, não, no ano oitenta e oito, minto)

Em (06), verificamos a substituição da informação referente ao tipo de inseto que havia sido mencionado (zangão e não besouro), que se caracteriza como uma infirmação, ou substituição total do elemento anterior. Em (07), observamos a correção do ano mencionado pelo informante (oitenta e nove por oitenta e oito), o que se caracteriza como uma retificação ou correção parcial, uma vez que o falante não nega que tenha estado na Argentina, mas apenas

se corrige com relação ao ano de estada. Em nenhum dos dois exemplos temos um caso de paráfrase, pois há sempre um elemento anterior que é anulado, total ou parcialmente.

Com relação à relação entre correção e paráfrase, que nos propomos discutir, observamos que, de fato, há contextos em que parece haver sobreposição entre as duas estratégias, como já havia observado Barros (1999), para quem correção e paráfrase podem ser ambíguas em certos casos, e como já havia previsto Cassim (2015), ao mencionar a existência de uma linha tênue entre ambas.

Dada essa ambiguidade, vamos tratar também como casos de correção as ocorrências que eventualmente trazem algum tipo de explicação, como ocorre na paráfrase. Vejamos um exemplo:

(08) mi padre llegó a ser alcalde del pueblo/// era el alcalde era el panadero/ era el/ el practicante (risas = E, I)/ era el el barbero mm/ todo porque no sé era una persona// muy **tranquila**/ muy tranquila muy pero muy activo en el sentido/ **tranquilo me refiero a/ sereno ¿no?**/ que no era tipo así nervioso pero muy activo en hacer en hacer cosas// (PRESEEA_GRANADA_ M33_16)

(meu pai chegou a ser prefeito da cidade, era o prefeito, era o padeiro, era o médico, era o barbeiro, tudo porque ele era uma pessoa muito tranquila, mas muito ativo no sentido... quando digo tranquilo me refiro a sereno, né? Que não era tipo assim nervoso, mas muito ativo em fazer coisas)

No exemplo, o falante acredita que o termo escolhido, *tranquilo*, pode gerar algum tipo de ruído na comunicação e explica o que está chamando de *tranquilo* (sereno e não folgado). Assim, a correção traz um esclarecimento, o que nos permite pensar, a partir da associação com as funções retóricas da GDF, refinadas por Keizer (2020), que os casos de correção (seja parcial ou total) com substituição de algum elemento podem ser tratados como diferentes dos casos de esclarecimento, o que justificaria uma separação entre função retórica Correção e função retórica Esclarecimento, conforme veremos no item 4.2.4.

4.2.3. A abrangência da correção

Conforme já apontamos, as correções podem marcar uma alteração fonético-fonológica no elemento corrigido, uma alteração morfossintática (como as correções que envolvem concordância, por exemplo) ou uma alteração semântica (a troca do significado que foi empregado indevidamente pelo significado correto).

A correção de natureza fonético-fonológica não tem o objetivo de alterar a informação pragmática do falante, mas ocorre simplesmente porque a troca de um fonema por outro altera a palavra e, conseqüentemente, pode prejudicar o resultado da informação e o sucesso da

comunicação. A correção em razão de equívocos de natureza fonético-fonológica não foi muito frequente nos dados. Em uma das ocorrências, a palavra corrigida não existe na língua, como mostra o exemplo a seguir:

(09)

I: Aquí no he dicho los ingredientes pero (risas)/ bueno los vas apuntando después (risas = E, I) se le echa el curry ya se (fragmento ininteligible) remover/ y luego se le se... se bra(palabra cortada)/ **se blamea/ se// fla**(palabra cortada)

E: **Se flamea.**

I: Flamea// yo eso nunca lo hago porque por peligro pero/ s(e) hace así// y luego ya se l(e) añade arroz hervido o/// o lo que quieras. (PRESEEA_GRANADA_31H_01)

(I: Aqui eu não disse os ingredientes mas... bom, você vai anotando depois. Você coloca o curry, e depois... blamba)

E: Se flamba

I: Flamba; isso eu nunca faço porque é perigoso, mas é assim que se faz. Depois se acrescenta o arroz fervido ou o que você quiser)

Em (09), observamos que o falante se engana, já que substitui o fonema *f* da palavra *flamea* por *b*, formando equivocadamente a palavra *blamea*, que não existe na língua espanhola. Ao identificar esse erro, o interlocutor realiza uma correção e emprega a palavra que pretendia (*flamea*). Outro caso de correção de natureza fonológica pode ser visto em (10):

(10) lo formamos estamos un tiempo con él vemos que más o menos/ el chaval responde// y nada y se quedan con él// **cuanto/ cuando** realmente no debería de ser así// (PRESEEA_GRANADA_H32_09)

(formamos o menino, passamos um tempo com ele, vemos que mais ou menos o menino responde e daí ficam com ele quanto, quando realmente não deveria ser assim)

Nesse exemplo, o falante se corrige, uma vez que comete um equívoco ao substituir o fonema *d* da palavra *quando* pelo *t*, formando, equivocadamente, a palavra *cuanto*. Ao reconhecer o equívoco, realiza a substituição do fonema *t* pelo *d*, substituindo *cuanto* por *quando*.

As correções de natureza morfossintática, por sua vez, estão representadas por casos em que o falante se equivoca no gênero/número ou outras propriedades morfossintáticas dos termos empregados e faz a substituição. Em (11), verifica-se um exemplo de correção por equívoco na propriedade morfossintática de gênero:

(11) Lógicamente me acuerdo del instituto más que **del** que **de la** escuela (PRESEEA_VALENCIA_MC132_96)

(Logicamente me lembro do instituto mais do que do da escola)

Nesse exemplo, apesar de o falante usar a palavra *escuela* (escola), substantivo feminino, utiliza o artigo masculino para se referir a ela, violando a concordância nominal. Ao se dar conta de que escolheu o artigo inadequado, o falante se corrige, substituindo *del* (do) por *de la* (da).

Além das ocorrências em que há substituição por equívoco de gênero, há casos em que há substituição por equívoco na propriedade morfossintática de número como apresentado em (12):

(12) el cine me gusta mucho pero aunque no voy/ en el verano sí suelo ir al cine// ahora me cuando me voy a la playa **a los cines** de ve(palabra cortada) **al cine** de verano/ sí suelo ir con alguna frecuencia (PRESEEA_GRANADA_H33_14)

(eu gosto muito de cinema, mas ainda que eu não vá, no verão costumo ir. Agora quando vou à praia, aos cinemas de ve..., ao cinema de verão, sim, costumo ir com alguma frequência)

Nesse exemplo, o falante substitui *a los cines* (aos cinemas) por *al cine* (ao cinema), uma vez que reconhece seu erro ao empregar um termo plural quando queria fazer referência a algo no singular.

As ocorrências de correção que abrangem elementos de natureza morfossintática são bastante numerosas no corpus e, na maioria das vezes, ocorrem sem que haja nenhum elemento interveniente, ou seja, a forma incorreta é imediatamente substituída por outra, como mostram os exemplos anteriores. Assemelha-se aos casos de correção de natureza fonético-fonológica, uma vez que não têm o objetivo de alterar a informação pragmática do falante, tendo como característica principal o fato de não mostrarem uma alteração do conteúdo principal, mas apenas da forma.

Segundo Koch (1997), a fala tem natureza altamente interacional. Assim, é necessário que seja localmente planejada, ou seja, planejada e replanejada. Tendo em vista o aspecto interacional caracterizador da fala e a necessidade de planejamento e replanejamento dela, é que o falante produz hesitações durante a comunicação, uma vez que, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (1995), a hesitação acontece quando o problema é capturado durante sua linearização.

Os dois tipos de correção mencionados anteriormente não deixam de ser um tipo de reformulação, visto que há de fato a substituição de uma forma por outra, mas estão mais relacionadas com o fazer discursivo, na medida em que o falante refaz o planejamento de sua

fala sem abandonar o turno. Por essa razão, vamos considerar esses casos como um tipo de hesitação e não como uma correção propriamente dita.

Em termos de GDF, consideramos que não temos Atos Discursivos que recebem função retórica Correção, pois não existe, por parte do falante, uma preocupação com a interação, que se volta para o ouvinte, mas apenas são evidenciadas as marcas da construção do texto falado.

Já nos casos em que há correção de natureza semântica, os elementos são substituídos porque o falante verifica que houve equívoco ou algum tipo de inadequação na informação. A substituição se faz, então, necessária, porque há mudança no significado. Vejamos o exemplo (13):

(13)

I: /// pues... la la que estoy yo es María Auxiliadora de la Alhambra/// María Auxiliadora de la Alhambra es... tengo aquí fotos pero ahora no hace falta que te las enseñe// María Auxiliadora de la Alhambra/// pues es// es una archicofradía// o sea/ lleva/// más de ciento cincuenta años// esa hermandad// hay hermandades que llevan muchos años/ pero// nada/ esa lleva ciento cincuenta años ya

E: y esa/ ¿dónde sale?

I: esa sale/// del colegio Ángel/ Ganivet

E: ¿aquí en Granada?

I: no// **colegio/ no/ es es un colegio/ es un/// es un refugio de/ de de rumanos** y de ¿sabes lo que te digo?/ está en la Alhambra capilla Ángel Ganivet

E: ¡ah! que está en la Alhambra

I: está en la Alhambra donde está el Manuel de Falla (PRESEEA_GRANADA_H12_020)

(I: A que eu estou é Maria Auxiliadora da Alhambra. Tenho aqui fotos, mas agora não é necessário que eu te mostre. Maria Auxiliadora da Alhambra é uma arquiconfraria, ou seja, tem mais de cento e cinquenta anos essa irmandade. Há irmandades que têm muitos anos mas essa já tem cento e cinquenta anos.

E: E essa sai de onde?

I: Essa sai do colégio Ángel Ganivet

E: Aqui em Granada?

I: Não, colégio, não é um colégio, é um refúgio de romanos e de... Sabe o que eu te falo? Está na Alhambra, capela Ángel Ganivet.

E: Ah! Está na Alhambra.

I: Está na Alhambra onde está Manuel de Falla)

A ocorrência (13) mostra um caso de correção de natureza semântica, uma vez que o informante (I) substitui *colegio* (colégio) por *refugio de Rumanos* (refúgio de romanos). A correção vem marcada no texto pelo Ato Discursivo precedente (*no es un colegio*), pois o termo *colegio* não é considerado adequado pelo falante para expressar o que o espaço designado como Angel Ganivet significava para a cidade.

Consideramos que a correção de natureza semântica, com alteração de significado, é de

fato uma correção que provoca alteração na informação, diferentemente das correções em que há troca apenas de elementos fonológicos ou morfossintáticos. Os Atos Discursivos que trazem uma informação nova, em substituição ou em acréscimo à informação veiculada anteriormente são os mais prováveis de receber a função retórica Correção na GDF.

Na sequência, analisamos, então, os casos de correção de significado, que de fato se mostram mais relevantes para a comunicação.

4.2.4. O papel do ato reformulador

Conforme já apontamos no capítulo 2, Keizer (2020) propõe uma separação entre os Atos Discursivos que podem receber função retórica Correção (*Correction*) e os Atos Discursivos que podem receber função retórica Esclarecimento (*Clarification*). A partir da proposta da autora, passamos a analisar os dados buscando verificar se tal separação pode ser verificada em dados do espanhol falado, e verificamos que há casos que são tipicamente de natureza substitutiva (correção, portanto), como mostra a ocorrência (14), quanto casos de natureza esclarecedora, como mostra a ocorrência (15):

(14)

E: mira mm ¿a ti qué es lo que más te gusta de Granada?

I: lo que más me gusta de Granada/ todo

E: ¿te gusta mucho?

I: todo// yo (simultáneo: E = venga dime cosas) **cambio no cambio** Granada/// vamos/ por ninguna ciudad del mundo

(PRESEEA_GRANADA_H12_20)

(E: O que você mais gosta de Granada?

I: o que eu mais gosto de Granada... tudo.

E: você gosta muito?

I: tudo, eu (E: me conte que coisas) troco, não troco Granada por nenhuma cidade do mundo)

(15) (15)

I: y salíamos un poco a la calle/// y/ luego/ pues// me iba a mi casa/ cenábamos/ dormir/ la ducha// bueno/ ducha/ dormir// y asín de lunes a viernes

E: ¿por qué te quedabas a comer allí?

I: ¿por qué?// porque mis padres estaban trabajando y/// y no **teníamos** otra opción// que quedarnos allí// **yo y mi hermana**/// y/ y la comida muy buena

(PRESEEA_GRANADA_M12_023)

(I: Saíamos um pouco na rua e depois eu ia para a minha casa, jantávamos, dormíamos, tomávamos banho, bom, tomávamos banho, dormíamos e assim de segunda a sexta.

E: Por que você ficava pra comer lá?

I: Por quê? Porque meus pais estavam trabalhando e não tínhamos outra opção a não ser ficarmos lá, eu e minha irmã, e a comida era muito boa)

Em (14), verifica-se um caso de correção, uma vez que há a substituição do Ato Discursivo *cambio* por *no cambio*. A intenção do falante era justamente dizer que não trocava Granada por nenhuma outra cidade do mundo e, ao se dar conta disso, introduz o elemento de negação, como resultado de seu automonitoramento.

Já em (15), verifica-se que o falante, após introduzir o Ato Discursivo *no teníamos otra opción que quedarnos allí*, se dá conta de que pode ter deixado uma lacuna na informação e acrescenta o Ato Discursivo *yo y mi hermana*, com o intuito de esclarecer a quem a forma plural *teníamos* faz referência. Desse modo, em (15), diferentemente de (14), verifica-se um caso de esclarecimento, um acréscimo de informação que visa a tornar a informação mais clara.

As ocorrências de correção podem servir a propósitos mais específicos, como, por exemplo, a busca por precisão, por parte do falante, com o intuito de dar uma informação menos genérica, como mostram (16) e (17):

(16) entonces nosotros cogemos/// arrancamos **la talla**/// **el numerico de la talla**/// cogemos// el numerico de la de la otra prenda de la talla/ la colocamos/// (risas) y la traemos// digo “señora aquí está su prenda” (risas) (PRESEEA_GRANADA_H12_020)

(então nós pegamos, arrancamos o tamanho, o numerinho do tamanho da outra peça, colocamos e trouxemos. Eu disse: “senhora, aqui está a sua peça de roupa”)

(17)

E: ¿por qué has dicho lo del colegio// excepto el colegio?

I: ¡ay! hija porque (risas) recuerdo muy mal con las monjas (risas) sí// con los estudios// me fue//regular// por no decir que mal// **con las monjas**// **en concreto con una monja**// que me pilló dos años// en cuarto y quinto// que si no llega a ser por ella la verdad es que tampoco me iba mal (PRESEEA_GRANADA_M12_22)

(E: Por que você falou aquilo do colégio, exceto o colégio?

I: Porque tenho más recordações das freiras. Nos estudos eu fui regular, pra não dizer que eu fui mal. Com as freiras, mais especificamente com uma freira, que pegou no meu pé por dois anos, no quarto e no quinto, que se não fosse por ela, a verdade é que também não teria sido ruim pra mim)

Como observamos em (16), ao mencionar que arrancou o tamanho (*talla*) da roupa, o falante tem a necessidade de ser mais preciso, pois o que foi arrancado, de fato, foi a etiqueta com o número que marcava o tamanho da roupa, que posteriormente foi colocada em outra roupa, para enganar a cliente. Ou seja, há uma busca por precisão, para que a informação seja mais específica.

Com relação ao exemplo (17), a informante faz referência a um colégio em que estudava quando criança do qual não quer se lembrar por ter vivido uma experiência ruim. Ao mencionar

que tinha tido problemas com as freiras, ela se corrige e especifica que teve problemas com uma freira em especial e não com todas, o que é marcado pela expressão adverbial *en concreto*. Novamente, a correção busca dar mais precisão à informação.

A ocorrência seguinte também mostra uma busca do falante por maior precisão na informação:

(18) Bueno pues la boda// te puedo decir que ella fue mi primera novia y yo fui su primer novio// nos conocimos en un partido de baloncesto porque ella jugaba a baloncesto/// y muy bien yo la recuerdo con mucho cariño porque fue un// ee bueno// ee hacer una vida en hacer un proyecto de vida juntos// yo ya estaba de maestro// y ella pues cuando/// **un año** antes// sí/ **un año y medio** antes de casarnos// puso ella su farmacia// ya había terminado su carrera puso su farmacia le la pusimos juntos// (PRESEEA_GRANADA_H33_14)

(Bom, sobre o casamento, eu posso dizer que ela foi minha primeira namorada e eu fui seu primeiro namorado. Nos conhecemos em um jogo de basquete porque ela jogava basquete e muito bem. Eu lembro dela com muito carinho porque foi bom fazer uma vida, fazer um projeto de vida juntos. Eu já estava como professor, e ela, um ano antes, sim, um ano e meio antes de nos casarmos, ela abriu sua farmácia. Ela já tinha terminado o curso, ela abriu uma farmácia, abrimos juntos)

No exemplo, o falante se refere ao momento em que ele e sua namorada abriram uma farmácia. Ele menciona, inicialmente, que a farmácia foi aberta um ano antes do casamento. Posteriormente, se corrige e menciona que foi um ano e meio antes do casamento, trazendo mais precisão para a informação.

Com relação aos casos de esclarecimento identificados nos dados, verificamos que eles podem servir para evitar ambiguidades, preenchendo lacunas de informação. Considerando que o falante faz uma predição sobre a informação pragmática do ouvinte (DIK, 1997b), ou seja, imagina o conhecimento que o ouvinte tem no momento da comunicação, ele pode, a qualquer momento, reformular seu enunciado, com vistas a esclarecer algum aspecto da informação que, na sua avaliação, não tenha ficado suficientemente esclarecido.

A correção para desfazer ambiguidades já havia sido prevista por Toscano (2000), na análise de narrativas conversacionais em português. Como observamos, função semelhante pode ser identificada em espanhol, como mostra (19):

(19)
I: y salíamos un poco a la calle/// y/ luego/ pues// me iba a mi casa/ cenábamos/ dormir/ la ducha// bueno/ ducha/ dormir// y así de lunes a viernes
E: ¿por qué te quedabas a comer allí?

I: ¿por qué?// porque mis padres estaban trabajando y/// y no **teníamos** otra opción// que quedarnos allí// **yo y mi hermana**/// y/ y la comida muy buena
(PRESEEA_GRANADA_M12_023)

(I: e saíamos um pouco na rua e depois eu ia pra casa, tomar banho, dormir, e assim de segunda a sexta.

E: por que você ficava pra almoçar lá?

I: por que? porque meus pais estavam trabalhando e não tínhamos outra opção senão ficar lá (eu e minha irmã) e a comida muito boa)

No exemplo, a informante se dá conta de que o emprego de *teníamos*, na primeira pessoa do plural, poderia gerar uma ambiguidade, já que poderia também fazer referência aos pais, a quem ela se refere antes. Por isso, o Ato de Esclarecimento *yo y mi hermana* vem para desfazer a possível ambiguidade e esclarecer a quem se faz referência. O exemplo seguinte mostra outro caso de função retórica Esclarecimento:

(20) ...estamos hablando pues de que puede haber diferencias en los razonamientos diferencias en los sentimientos diferencias en los planteamientos// pero// entre padres e hijos siempre puede haber un diálogo/ siempre puede haber una discusión// siempre puede haber/ ee discrepancias/ pero/ también existen los mecanismos para que se lleguen a acuerdos/// y/ y la familia o ese conflicto generacional// no digo yo que se pueda resolver/ pero bueno que se llegue bien (simultâneo: E = poner un límite)/// lógicamente siempre/ vivir en familia hay también que poner unos límites por parte de **todos/ por parte de los padres y por parte de los hijos**// yo creo que charlando y discutiendo y llegando a acuerdos// las cosas pueden funcionar bien.
(PRESEEA_GRANADA_H33_15)

(estamos falando que pode haver diferenças nos raciocínios, diferenças nos sentimentos, diferenças nas perspectivas, mas entre pais e filhos sempre pode haver um diálogo, sempre pode haver uma discussão, sempre pode haver discrepâncias, mas também existem os mecanismos para se chegar a acordos, e a família ou esse conflito geracional, não digo que se possa resolver, mas, bom, que termine bem (simultâneo: E= pôr um limite). Logicamente sempre na vida em família há que se pôr limites por parte de todos, por parte dos pais e por parte dos filhos. Eu acho que conversando e discutindo e chegando a acordos as coisas podem funcionar bem)

No exemplo, depois de o falante dizer *todos*, acrescenta *por parte de los padres y por parte de los hijos*, objetivando preencher uma lacuna de informação ao explicitar a quem se refere *todos*.

Todos os casos desta seção constituem Atos Discursivos que trazem uma correção ou um esclarecimento ao Ato Discursivo anterior.

Observamos que os elementos corrigidos são representados por diferentes unidades no Nível Representacional, como Quantidade, Tempo e Indivíduo, conforme vemos nos exemplos seguintes:

(21) yo empecé a notar hace un- **unos años/ bastantes años**/// que a veces los alumnos te decían// oiga yo esto no lo entiendo (PRESEEA_VALENCIA_MC132_96)

(eu comecei a notar faz uns años, muitos anos, que às vezes os alunos diziam “Olha, isso eu não entendo”)

(22) y yo estaba allí/ delante del altar/ y le hablaba con Dios y le decía Dios mío/ yo necesito saber que puedo hacer yo con vida// necesito que me ilumines// ¿no?// a la salida de misa/ llegó un compañero// que yo conocía de muchos años atrás/// y me dice mira// que el martes eso era domingo pues que **el martes// el miércoles** creo nos vamos para// para Brasil hacer la especialidad ¿tú te vienes? (PRESEEA_GRANADA_H32_08)

(e eu estava ali diante do altar e falava com Deus e dizia “Meu Deus, eu preciso saber o que posso fazer eu em vida, preciso que me ilumine”. Na saída da missa, chegou um companheiro, que eu conhecia de muitos anos atrás, e ele me disse que, na terça, isso era no domingo, ele disse que, na terça, na quarta, acho, iriam ao Brasil fazer a especialização: “Você vem?”)

(23) que es un niño que le guste la astronomía y que le guste// escarbar pa(ra) ver si encuentra// algún fósil o algún tipo de cosa pues eso no es normal// a esa edad que (fragmento ininteligible) pues darle patadas al balón y jugar al baloncesto// etcétera etcétera// y y entonces estaba poco integra(d)o// y el último mes **de este año del año anterior**// ee...// tiene nueve tiene diez años ahora bueno// con nueve o diez años pues se ha integra(d)o bastante (PRESEEA_GRANADA_H32_08)

(Não é normal que um menino goste de astronomia e que goste de escavar para ver se encontra algum fóssil ou algum tipo de coisa. A essa idade se dá chute na bola e se joga basquete, etcétera, então estava pouco integrado. No último mês deste ano, do ano anterior, agora ele tem nove ou dez anos, ele se integrou bastante)

(24) No/ **mis padres/** bueno **mi madre/** es de Sevilla// mi padre es de Granada// ee y se fueron a vivir al Albaicín se ee cuando se casaron (PRESEEA_GRANADA_H32_07)

(Não, meus pais, bom, minha mãe é de Sevilha, meu pai é de Granada e eles foram viver em Albaicín quando se casaram)

Em (21), o falante substitui *unos años* (uns anos) por *bastantes años* (muitos anos), alterando a categoria Quantidade, pertencente ao Nível Representacional. Em (22), o falante substitui o termo *el martes* (terça-feira) por *el miércoles* (quarta-feira). Essa correção altera a categoria Tempo, localizada no Nível Representacional, o que também ocorre no exemplo (23), em que o falante substitui por *de este año* por *del año anterior*. Já em (24), a substituição se dá na categoria Indivíduo, em que *mis padres* é corrigido e substituído por *mi madre*.

4.2.5. Os elementos marcadores de correção

Como já previsto por Hengeveld e Mackenzie (2008), a função retórica Correção pode ser introduzida por marcadores, como *I mean* (quer dizer), do inglês, o que também ocorre em

português. Do mesmo modo, encontramos, no espanhol, expressões linguísticas que antecedem o Ato Discursivo de Correção ou de Esclarecimento, como ocorre com *es decir*, no exemplo seguinte:

(25) y luego también tiene fama/ ee la amabilidad de sus gentes// y lo bien que acogen/ al turista/ también es cierto porque el turista es minoritario// es un turista muy selectivo/// con lo cual pues/ el a(palabra cortada)/ el lo acogen de una forma como si fueran unos privilegiados// entonces la Polinesia es un sitio que/ que tengo muchas ganas de ir// y luego hay otros sitios que/ me han gusta(d)o siempre// pero que sé que por ahora no voy a ir por// el problema contrario al que he comenta(d)o antes/ **es decir** por la inestabilidad política//
(PRESEEA_GRANADA_M32_11)

(e a amabilidade das pessoas também tem fama e o modo bom como acolhem o turista; também é certo porque o turista é minoritário, é um turista muito seletivo e o acolhem de uma forma como se fossem uns privilegiados. Então a Polinésia é um lugar onde tenho muita vontade de ir e há outros lugares que eu gosto desde sempre, mas sei que não vou agora pelo problema que comentei antes, **quer dizer**, pela instabilidade política)

Nesse exemplo, a expressão *es decir* introduz um esclarecimento referente ao problema citado anteriormente (instabilidade política), desfazendo, assim, possíveis ambiguidades. Além do marcador *es decir*, segundo mais frequente no corpus, foram encontrados outros elementos que introduzem a correção em contextos específicos, como *bueno* e *digamos*, exemplificados na sequência.

(26) No/ mis padres/ **bueno** mi madre/ es de Sevilla// mi padre es de Granada// ee y se fueron a vivir al Albaicín se ee cuando se casaron (PRESEEA_GRANADA_H32_07)

(Não, meus pais, bom, minha mãe é de Sevilha, meu pai é de Granada e eles foram viver em Albaicín quando se casaram)

O marcador discursivo *bueno* (bom) foi o mais frequente nos dados analisados, sendo empregado em 6 ocorrências. Em (26), *bueno* é empregado para sinalizar a substituição do Subato de Referência *mis padres* (meus pais) pelo Subato de Referência *mi madre* (minha mãe).

(27) las asignaturas quee- o las más las más **digamos** loos- los temas que eran más- me resultaban más próximos eran cosas como la estadística o lo teoría de la probabilidad/
(PRESEEA_VALENCIA_HC332_97)

(as disciplinas que, digamos, os temas que eram mais próximos para mim eram coisas como a estatística ou a teoria da probabilidade)

Dada a baixa frequência desses elementos nos dados analisados, não podemos afirmar que eles são marcadores típicos de função retórica Correção ou Esclarecimento, já que são comumente empregados como marcadores discursivos em outros contextos. Podemos afirmar, entretanto, que eles podem ser empregados para introduzir tanto a função retórica Correção (como mostram os exemplos (26) e (27)), como a função retórica Esclarecimento (como mostra o já citado exemplo (25)).

4.2.6. A correção como estratégia de preservação da face

Levando-se em consideração que a correção pode servir como estratégia que contribui para preservar a face do falante ou a face do ouvinte, segundo o contexto, procuramos verificar, nos dados analisados, que ocorrências poderiam ser interpretadas como casos de preservação da face e que elementos poderiam contribuir para essa interpretação.

No cópulas, identificamos apenas duas ocorrências que interpretamos como situações em que a correção teve como objetivo a preservação da face do falante e do ouvinte. Vejamos:

(28) mi padre llegó a ser alcalde del pueblo/// era el alcalde era el panadero/ era el/ el practicante (risas = E, I)/ era el el barbero mm/ todo porque no sé era una persona// muy **tranquila**/ muy tranquila muy pero muy activo en el sentido/ **tranquilo me refiero a/ sereno ¿no?**/ que no era tipo así nervioso pero muy activo en hacer en hacer cosas// entonces mm vivíamos pues lo máximo que yo recuerdo que hubiese allí eran sesen(palabra cortada) cuatrocientas personas (PRESEEA_GRANADA_M33_16)

(Meu pai chegou a ser prefeito da cidade, era o prefeito, era o padeiro, era o médico, era o barbeiro, tudo porque, não sei, era uma pessoa muito tranquila, mas muito ativo no sentido... Tranquilo me refiro a sereno, né? que não era tipo assim nervoso, mas muito ativo em fazer coisas, então vivíamos... O máximo que eu lembro que tinha ali eram quatrocentas pessoas)

(29)

E: y ¿te has alegrado de venirte?

I: yo sí

E: ¿por qué?

I: estoy muy a gusto

E: ¿te gusta esto más?

I: es chica/ ciudad/ hom-/ si la comparas con Cuenca es enorme/// la ciudad// pero que para mi gusto/ sigue siendo chica// **tiene pocas cosas**/ la verdad// **tiene cosas**/ pero/ te vas a un Málaga// en Málaga hay de todo

(PRESEEA_GRANADA_H12_21)

(E: e você ficou alegre de vir?

I: sim

E: por que?

I: fiquei muito confortável

E: Você gosta mais daqui?

I: é uma cidade pequena. Se você a compara com Cuenca, a cidade é enorme, mas para meu gosto continua sendo pequena. Tem poucas coisas. Na verdade, tem coisas, mas, se você vai à Málaga... em Málaga tem de tudo)

Em (28), o falante acrescenta uma informação ao Subato de Atribuição *tranquila* para esclarecer seu sentido, visando à preservação da própria face, já que, se não explicasse o sentido de *tranquila*, o ouvinte poderia ter uma imagem negativa de seu pai, uma vez que poderia compreender que ele não gosta de trabalhar ao interpretar *tranquilo* como folgado. Assim, existe um esclarecimento do que se quer dizer com *tranquilo*.

Em (29), os dois participantes da interação estão falando sobre as diferenças entre as cidades de Granada e de Cuenca. O informante I reconhece que Granada é uma cidade grande, se comparada à cidade de Cuenca, mas continua sendo pequena em sua avaliação, se comparada à cidade de Málaga. Inicialmente, o falante I afirma que Granada tem poucas coisas e para não ameaçar a face do seu interlocutor, morador de Granada e simpatizante da cidade, se corrige imediatamente, reconhecendo que Granada tem coisas, mas não tanto como Málaga.

As informações referentes à correção como preservação da face só podem ser depreendidas do contexto, visto que não há marcas gramaticais específicas que permitam sua representação dentro da função retórica Correção ou Esclarecimento, prevista pela GDF. Entretanto, observamos que tanto a função retórica Correção (exemplo (29)) como a função retórica Esclarecimento (exemplo (28)) podem se vincular ao propósito do falante de preservar a própria face ou a face do outro.

4.2.7. A correção como estratégia de (des)cortesia

De acordo com o que já mencionamos antes, a correção pode se relacionar com a expressão da cortesia, como no caso da correção colaborativa, em que um participante corrige o outro com o intuito de ajudar, e da correção que traz um tipo de esclarecimento, com o intuito de facilitar a interpretação da informação por parte do ouvinte.

No primeiro caso, um dos falantes corrige uma informação ou parte da informação dada por seu interlocutor, sem que ele se sinta constrangido ou ameaçado. A correção, nesse caso, tem o compromisso de manter a compreensão mútua e ainda expressar cortesia, na medida em que um dos participantes contribui com os argumentos do outro. Vejamos as ocorrências a seguir:

(30)

I: lo que pasa es que se vino aquí// y ya/ pues/ entonces/ siguió y/ y/ de golpe y porrazo/ nos dijeron// (tiempo: 1:00) “venga/ del tirón”/// del/ del tirón/ que yo estaba/ estaba de

vacaciones/ en mi pueblo y/ dijeron/ “ya no vienes más”// ya no vamos para Cuenca allí te quedas// y allí me quedé

E: o sea/ que fue **un poco sorpresa**

I: fue **sorpresón**//

(PRESEEA_GRANADA_H12_21)

(I: O que acontece é que veio aqui e então continuou com golpe e porrada. Nos disseram “Venha de uma vez”, porque eu estava de férias na minha cidade e disseram “você já não vem mais”, já não vamos para Cuenca, ali você fica, ali fiquei.

E: ou seja, foi um pouco surpresa

I: foi uma grande surpresa)

(31)

(I: Aquí no he dicho los ingredientes pero (risas)/ bueno los vas apuntando después (risas = E, I) se le echa el curry ya se (fragmento ininteligible) remover/ y luego se le se... se bra(palabra cortada)/ se **blamea**/ se// fla(palabra cortada)

E: Se **flamea**.

I: Flamea// yo eso nunca lo hago porque por peligro pero/ s(e) hace así// y luego ya se l(e) añade arroz hervido o/// o lo que quieras.

(PRESEEA_GRANADA_H31_01)

(I: Aqui eu não disse os ingredientes mas... bom, você vai anotando depois. Você coloca o curry, e depois... se blamba

E: Se flamba

I: Flamba; isso eu nunca faço porque é perigoso, mas é assim que se faz. Depois se acrescenta o arroz fervido ou o que você quiser)

Em (30), o informante substitui o termo *un poco sorpresa* (um pouco surpresa) empregado pelo entrevistador, pelo termo *sorpresón* (surpresona). Desse modo, há cortesia, uma vez que ele segue a mesma linha de argumentação do entrevistador e contribui com a continuidade da conversação. Em (31), o entrevistador (E) corrige o informante (I), substituindo *blamea*, termo que não existe na língua espanhola, por *flamea* (flamba). Consideramos que tal exemplo expressa cortesia, uma vez que o entrevistador contribui com o informante ao encontrar a palavra pretendida por ele, dando continuidade à conversação.

No segundo caso, temos a correção como equivalente à função retórica Esclarecimento, que como estamos propondo, deve ser separada da função retórica Correção. Observamos que os Atos Discursivos que recebem função retórica Esclarecimento têm o papel de esclarecer um Ato Discursivo considerado não adequado comunicativamente pelo falante. Desse modo, eles contribuem para evitar ruídos na comunicação e dar continuidade a ela, podendo, ainda, expressar cortesia, como observado em (32):

(32)

I: Sí/ sí sí porque me gustan hacer muchas cosas que hasta ahora no he tenido mucho tiempo pa(r)a hacerlas y/ esa es la cuenta pendiente que yo tengo// tener un poco más de tiempo libre para mis aficiones.

E: ¿Cómo **lo** emplearía?

I: Y...

E: **El tiempo libre.**

(PRESEEA_GRANADA_M33_18)

(I: Sim sim, porque eu gosto de fazer muitas coisas que até agora não tive muito tempo para fazê-las e essa é a conta pendente que eu tenho: ter um pouco mais de tempo livre para meus hobbies.

E: Como o empregaria?

I: E...

E: O tempo livre)

No exemplo (32), o entrevistador pergunta ao informante *¿Cómo lo emplearía?* (Como o empregaria?). Tendo em vista que o ouvinte parece não recuperar o referente do pronome *o*, o entrevistador esclarece que se refere ao tempo livre, fazendo o esclarecimento necessário e ao mesmo tempo sendo cortês.

Com relação à expressão da descortesia por meio da correção, é possível verificar algumas situações em que a correção não se mostra colaborativa, mas sim questionadora. Vejamos os exemplos identificados no corpus:

(33)

I: (...) y después/ sigues más arriba/// y/ y Caniles tiene como// los barrancos a los lados// (risas) y la cuesta para arriba/ o sea es que es gracioso/ el pueblo es gracioso (risas) porque sigues para arriba y es cuesta y abajo está un un un// cuesta para abajo y aquí cuevas para abajo otra vez// entonces dices “voy a ir por medio vamos a ir más llano” (risas) pero vas para arriba/ y te encuentras más cuesta/// y te encuentras pues ya con/// qué te digo yo/// pues// la piscina municipal/ el Pa– el Palacio de deportes el/// no el/// ¿qué te iba a decir?// la piscina municipal ee donde está **el colegio** está (simultâneo: E = el colegio/ **las escuelas** será ¿no?) los colegios/ las escuelas a a la izquierda está el cementerio y está todo// está todo pegado (PRESEEA_GRANADA_H12_20)

(I: e depois você continua mais para cima e Caniles tem como se fossem barrancos dos lados e a encosta para cima, ou seja, a cidade é encantadora, porque você continua para cima e é encosta e para baixo tem encostas outra vez. Então você diz “Vou ir pelo meio, iremos mais pelo plano”, mas você vai para cima e encontra mais encosta e encontra a piscina municipal, o Palácio de esportes. O que eu ia te dizer? A piscina municipal é onde está o colégio, está... (simultâneo: E = o colégio/ são as escolas, não é?) os colégios, as escolas... à esquerda está o cemitério e está tudo grudado)

Na ocorrência ilustrada em (33), o informante descreve a cidade de Caniles ao entrevistador. Ao descrevê-la, menciona que o Palácio de Esportes se localiza próximo a um colégio. Simultaneamente à sua fala, o entrevistador o corrige, mencionando que não se trata

do colégio, mas sim das escolas, mostrando que ele se enganou na designação dos edifícios que está descrevendo. Consideramos que essa correção constitui um exemplo de descortesia, uma vez que ocorre no momento em que o entrevistado está com o turno. Vejamos outro exemplo:

(34)

E: Oye ¿y el **chiquitillo** de tu hermano Antonio?

I: La **chiquitilla** tiene (simultâneo: E = o la niña/ es una niña) sí/ pues tiene cuatro/ los cinco años los cumple ahora en julio/// pues mu(y) bonica// lo que pasa que mu(y) solilla/ mu(y) solilla mu(y) solilla.

(PRESEEA_GRANADA_M32_10)

(E: E o menininho do seu irmão Antônio?

I: A menininha tem (simultâneo: E = a menina, é uma menina) sim, ela tem quatro anos, faz cinco anos agora em julho. Ela é muito bonita, o que acontece é que ela é muito solitária, muito solitária, muito solitária.)

Em (34), o informante corrige o entrevistador, substituindo o termo *chiquitillo* (menininho) por *chiquitilla* (menininha). Consideramos que essa correção expressa descortesia, já que o informante explica ao entrevistador que se trata de uma menina e não de um menino, corrigindo-o de maneira direta.

Verificamos que os casos de cortesia e de descortesia envolvendo os dois participantes da interação nos atos de correção não foram frequentes no corpus. Acreditamos que esse resultado foi ocasionado pela natureza do corpus adotado, visto que as entrevistas semidirigidas não possibilitam a troca frequente de turno. Sendo o entrevistador um documentador, que tem o papel de deixar o informante falar a maior parte do tempo, evitando interrompê-lo, não são comuns os casos de assalto ao turno, como costuma ocorrer nas conversações em que os falantes mantêm uma relação simétrica.

Conforme aponta Barros (1991), o que importa nas entrevistas semidirigidas, como as que integram o nosso corpus, é o modo de falar do entrevistado e não exatamente o que ele diz. Assim, o papel do entrevistador é não interromper e não interferir diretamente. Quando isso ocorre, pode soar como descortês, como verificado no exemplo (34).

5. As alterações do grau de modalização

No corpus, identificamos ocorrências que podem, em um primeiro momento, indicar uma correção, já que há substituição de um elemento por outro. Vejamos o exemplo (35):

(35) estoy haciendo algo que me gusta/// y algo que me gusta en la ciudad en donde vivo/ entonces y de la que soy// y eso hoy es un bien muypreciado yo tengo que// mis

compañeros de la medicina hay muchos que están// fuera de su ciudad y **lógicamente** pues// **posiblemente**// echen de menos ee sus raíces (PRESEEA_GRANADA_H32_08)

(Estou fazendo algo que eu gosto e algo que eu gosto na cidade onde eu moro e de onde sou, e hoje isso é um bem muito apreciado. Há muitos companheiros meus da medicina que estão fora de sua cidade e logicamente, possivelmente, sentem saudades de suas raízes)

No exemplo, o falante menciona, inicialmente, que é fato que os seus companheiros de medicina sentem saudades de suas raízes. Posteriormente, ele se corrige e diz que é possível que eles sintam saudades de suas raízes. Essa alteração se dá por meio da substituição do modalizador epistêmico *lógicamente* (logicamente) pelo modalizador epistêmico *posiblemente* (possivelmente). O que vemos, aqui, é uma mudança da estratégia modalizadora, pois o falante utiliza um modalizador epistêmico indicador de certeza (*lógicamente*) para depois substituí-lo por um modalizador epistêmico indicador de dúvida (*posiblemente*). Essa “correção” altera o modo de dizer, mas não a informação, razão pela qual ela não se caracteriza como um caso de função retórica dentro da teoria da GDF.

Em (36), exemplificamos outro caso que constitui substituição da estratégia modalizadora:

(36) Los pue-poblados mayas que quedaban todavía/// me llamó muchísimo/ porque quedan poblados mayaa/ tal cual// viven en palapas/ sí sí/ no tienen agua/ **no tienen-** no tien- **no deben tener** escuelas// (PRESEEA_VALENCIA_MC132_96)

(As cidades maias que restavam ainda me chamaram muitíssimo a atenção porque restam cidades maias que vivem em palapas. Não têm água, não têm... não devem ter escolas)

No exemplo, verifica-se a substituição de *no tienen* (não têm) por *no deben tener* (não devem ter). Essa alteração não se configura como uma correção, mas sim como uma mudança da estratégia modalizadora, visto que o falante substitui uma afirmação não modalizada, e por isso indicadora de maior certeza, por uma informação epistemicamente modalizada, marcada pela presença do verbo *deber*, descomprometendo-se, assim, com a veracidade da informação.

Todos os casos identificados no corpus que constituem uma substituição do grau de modalização por parte do falante mostraram uma alteração do comprometimento, de uma atitude de mais certeza ou convicção para uma atitude de dúvida ou incerteza e, consequentemente, menor comprometimento. Tais ocorrências são descritas no Nível Representacional, já que se referem à categoria da Modalidade, uma categoria semântica, mas não recebem função retórica no Nível Interpessoal.

Há, ainda, que se considerar que os casos de alteração no grau de modalização, de maior comprometimento para um menor comprometimento, podem, eventualmente, servir como estratégias de proteção à face, visto que o falante se exime da responsabilidade ao atenuar sua informação, apresentando-a como possível e não como certa.

6. Síntese

Após o levantamento e análise dos dados de correção identificados no corpus, propomos uma síntese desses elementos, organizada a partir dos fatores de análise adotados, que pode ser verificada no Quadro 1.

Por meio do presente trabalho, verificamos que as correções podem se configurar tanto como autocorreção (o próprio falante se corrige) quanto como heterocorreção (o ouvinte corrige o falante).

Considerando o corpus analisado, foram verificadas dois tipos de natureza da correção: Infirmação (correção total) e Retificação (correção parcial). Verificou-se, ainda, que a correção total ocorreu apenas no âmbito da autocorreção, enquanto a correção parcial foi identificada tanto na auto quanto na heterocorreção.

Foi observada também a abrangência da correção nos dados de autocorreção. Nesse caso, identificamos que o elemento corrigido e reformulado pode ter abrangência fonética, morfológica e também semântica. Já no caso da heterocorreção, identificamos apenas a correção de abrangência semântica, uma vez que a substituição do elemento corrigido se dá com o objetivo de alteração do significado anterior.

No que se refere à função retórica, no caso da autocorreção, verificou-se a existência de Correção e de Esclarecimento. Em alguns casos, a Correção se apresentou como uma estratégia de alteração (substituição) do elemento anterior e, em outros, como um meio de trazer precisão ao que estava sendo informado. Já o Esclarecimento foi identificado tanto nos casos de autocorreção quanto de heterocorreção com o objetivo de desfazer possíveis ambiguidades que pudessem prejudicar o processo comunicativo.

A presença de alguns marcadores para introduzir correção foi identificada tanto nos casos de autocorreção quanto nos casos de heterocorreção.

Tanto nos casos de autocorreção quanto nos casos de heterocorreção, o emprego das estratégias de correção serviram à preservação da face. No entanto, o emprego da correção como expressão da cortesia ou da descortesia foi observado apenas nos casos de heterocorreção, visto que está diretamente relacionado às relações entre os participantes da interação.

Quadro 1 - Tipos de correção

	Autocorreção			Heterocorreção	
Natureza da correção	Infirmação (total)			Retificação (parcial)	Retificação (parcial)
Abrangência da correção	Fonética	Morfológica	Semântica	Semântica	Semântica
Função Retórica	Correção			Esclarecimento	Esclarecimento
	Alteração	Busca de precisão		Desfazer ambiguidades	Desfazer ambiguidades
Introdução por marcadores	Sim			Sim	Sim
Preservação da face	Sim			Sim	Sim
Cortesia					Sim
Descortesia					Sim

Fonte: Elaboração própria

CONCLUSÕES

Tendo em vista os elementos que as definições de correção, elaboradas a partir de uma perspectiva textual-interativa, apresentam em comum, definimos a correção como uma estratégia de reformulação textual, com substituição total ou parcial do elemento enunciado anteriormente, com vistas a evitar problemas que possam dificultar a continuidade da conversação.

Assim, tendo em vista a importância do papel da correção para o desenvolvimento da comunicação, o presente trabalho teve por objetivo descrever e analisar os diferentes tipos de correção (incluindo casos eventualmente interpretados como paráfrase e hesitação) no espanhol peninsular falado, a fim de verificar o papel que exercem na comunicação e quais são os elementos que se relacionam aos diferentes tipos de correção.

Nosso interesse pelo tema nos levou a associar a descrição da correção, feita a partir de uma perspectiva textual-interativa, ao modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que prevê quatro níveis diferentes de análise: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Neste modelo, a correção é tratada como uma função retórica que atua no Nível Interpessoal.

Para cumprir o objetivo mais geral, nos apoiamos em objetivos mais específicos, como separar a correção de outras estratégias, como a hesitação e a paráfrase; verificar entre os casos de correção identificados nos dados, quais corresponderiam à função retórica Correção/Esclarecimento, conforme postulado pela GDF e buscar estabelecer uma distinção entre as funções retóricas Correção e Esclarecimento, a partir da proposta de Keizer (2020). Considerando, ainda, nosso interesse em tentar relacionar a correção à expressão da (des)cortesia linguística, procuramos descrever os contextos em que as estratégias de correção podem proteger ou prejudicar a imagem dos participantes da interação, atuando como expressão da cortesia ou da descortesia linguística.

A partir da organização de uma amostra do espanhol peninsular falado constituído por 23 entrevistas pertencentes ao Projeto PRESEEA, originárias das cidades espanholas de Granada e de Valência, levantamos um total de 179 ocorrências, que foram analisadas de acordo com os fatores de análise propostos: (i) a origem da correção; (ii) a natureza da correção; (iii) a abrangência da correção; (iv) o papel do ato reformulador; (v) os elementos marcadores de

correção; (vi) a correção como estratégia de preservação da face; e (vii) a correção como expressão da (des)cortesia.

No que diz respeito à origem da correção, constatamos a existência de 172 ocorrências de autocorreção frente a apenas 7 ocorrências de heterocorreção. Os resultados obtidos confirmam nossa hipótese de que os casos mais frequentes de correção seriam de autocorreção, uma vez que nosso corpus é constituído por entrevistas semidirigidas, nas quais o entrevistado se mantém com o turno na maior parte do tempo, havendo pouca troca entre os informantes.

Com relação à natureza da correção, verificamos a existência tanto de infirmação, ou substituição total do enunciado anterior, quanto de retificação, ou substituição parcial, sendo os casos de infirmação encontrados em maior quantidade. Hipotetizamos, inicialmente, que a infirmação se relacionaria à correção propriamente dita e que a retificação estaria correlacionada à paráfrase. Na análise dos dados, a hipótese não se confirmou, tendo em vista que todos os casos de infirmação e de retificação identificados se associaram à correção.

Quanto à abrangência da correção, verificamos a existência de correções de natureza fonético-fonológica, morfossintática ou semântica. Observamos que tanto as correções de natureza fonético-fonológica quanto as de natureza morfossintática constituem hesitação, uma vez que a reformulação existente nessas correções apresenta aspecto prospectivo e sem alteração do conteúdo da informação, o que as diferencia da correção, cuja reformulação apresenta aspecto retrospectivo, com alteração do conteúdo da informação.

Com relação às correções de natureza semântica, observamos que nem todas equivalem à função retórica Correção, conforme postulado pela Gramática Discursivo-Funcional, uma vez que não se relacionam ao aspecto interacional e à continuidade da conversação. Desse modo, nem sempre há equivalência entre os casos de correção, descritos na perspectiva textual-interativa, e os casos de correção reconhecidos pela GDF como função retórica.

A partir da proposta de Keizer (2020), buscamos refinar a separação entre Atos Discursivos que podem receber função retórica Correção (*Correction*) e Atos Discursivos que podem receber função retórica Esclarecimento (*Clarification*), mostrando que alguns casos de correção são de natureza substitutiva, enquanto outros são de natureza esclarecedora. Os Atos Discursivos que recebem função retórica Correção podem reformular o elemento anterior por tentar corrigir um erro ou por buscar mais precisão na expressão da informação, o que nos permitiu associá-los aos casos que tratamos como Infirmação. Já os Atos Discursivos que recebem função retórica Esclarecimento esclarecem um termo ambíguo ou que parece não ser adequado comunicativamente, associando-se à Retificação.

Como já previsto por Hengeveld e Mackenzie (2008), a função retórica Correção pode ser introduzida por marcadores. No espanhol, os marcadores que introduziram um Ato reformulador, representados principalmente por *bueno, es decir* e *digamos*, ocorreram em baixo número, mas serviram tanto para introduzir Atos Discursivos com função retórica Correção, como Atos Discursivos com função retórica Esclarecimento.

Levando-se em consideração que a correção pode servir como estratégia que contribui para preservar a face do falante ou do ouvinte, procuramos verificar exemplos de correção que se configurariam como uma estratégia de preservação ou de ameaça à face. Apenas uma ocorrência de cada caso foi identificada nos dados, o que nos leva a pensar que o tipo de corpus não favorece ocorrências dessa natureza.

Ao relacionar a correção com a expressão da (des)cortesia, também objeto da nossa investigação, prevemos dois contextos que poderiam propiciar a presença da cortesia: a correção colaborativa, observada nos casos de heterocorreção, e a correção com efeito de esclarecimento, observada nos casos de autocorreção, diretamente associada à função retórica Esclarecimento.

Do mesmo modo que a cortesia, a descortesia foi identificada em poucas ocorrências do corpus. Nelas, verificamos a presença de uma correção de caráter questionador e direto, que pode ferir a face do interlocutor.

Tanto a expressão da cortesia como a expressão da descortesia seriam, provavelmente, mais frequentes em situações nas quais o turno é concedido de maneira uniforme aos dois participantes da interação, o que não ocorre com as entrevistas semidirigidas que integram o nosso corpus. Essas estratégias, provavelmente, são mais frequentes em relações em que há maior interação e mais simetria entre os participantes, o que não ocorre nas entrevistas semidirigidas.

Identificamos, ainda, casos em que ocorre uma reformulação do grau de modalização do enunciado, com alteração do grau de certeza por parte do falante. Consideramos que tais ocorrências não se configuram como casos de correção, mas apenas como casos em que ocorre alteração da estratégia modalizadora, os quais devem ser descritos no Nível Representacional da GDF.

A realização da presente investigação procurou colaborar com os estudos descritivos do espanhol, a partir da análise das estratégias de correção em dados do espanhol falado. Esperamos ter contribuído, ainda que minimamente, para a aplicação do modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, em especial para a distinção entre função retórica Correção e função retórica Esclarecimento.

REFERÊNCIAS

- ALBARELLI, A. P. *Uma análise da descortesia como estratégia de persuasão em interações polêmicas: o debate político*. 2020. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- ALVAREZ, A. Huellas de la cortesía: reparaciones y estrategias de consenso en el habla de Mérida. *Delta*, v. 18, n. 2, 2002, p. 173-202.
- BARROS, D. L. P. de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 179-190.
- BARROS, D. L. P. Entrevista: texto e conversação. In: *Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*, 38, 1990, Bauru. *Anais 20...* Franca, UNIFRAN, 1991. p. 254-261.
- BROWN, P. Y.; LEVINSON, S. C. *Politeness*. Some universals in language usage. Cambridge: University Press, 1987.
- CASSIM, F. T. R. As modificações da forma verbal nas estratégias de correção e paráfrase em ocorrências da língua falada: uma análise sob a perspectiva funcionalista. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 5, v. 5, n. 2, p. 08-22, jul/dez 2015.
- CHAROLLES, M. Spécialisation des marqueurs et spécificité des opérations de reformulation, de dénomination et de rectification. In: BANGE, P. (ed.). *L'analyse des interactions verbales*. Berne: Peter Lang, 1987. p. 99-122.
- DALINGHAUS, I. V. *Da cortesia à descortesia: Análise linguístico-interacional de um debate político televisivo*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Comunicação e Letras (CCL), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.
- DARWEESH, A. D.; MEHDI, W. S. Investigating the Speech Act of Correction in Iraqi EFL Context. *Journal of Education and Practice*, v. 7, n. 7, p. 127-139, 2016.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1: The Structure of the Clause. HENGVELD, K. (ed.). 2.ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997a.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part 2: Complex and Derived Constructions. HENGVELD, K. (ed.). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b.

- FÁVERO, L. L. Processos de formulação do texto falado: a correção e a hesitação nas elocuções formais. In: PRETI, D. (Org.). *Discurso Oral Culto*. v. 2 São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- FÁVERO, L.L., ANDRADE, M. L. da C. V. de O. Cortesia verbal e ensino de língua: reflexões sobre competência comunicativa, jogo interpessoal e normatividade. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 101-129, 2015.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO Z. G. O. Correção: uma estratégia de reformulação textual. In: *XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 11, 1995, Lisboa. *Actas do XI Encontro Nacional da APL*, 1995. p. 267-280.
- FONTES, M.G.; PEZATTI, E. G. Atos discursivos interativos nas variedades do português falado. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 153-167, 2011.
- GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. *Syntax and Semantics: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975. v. 3, p. 41-58.
- GÜLICH, E.; KOTSCHI, T. Les actes de reformulation dans la consultation La Dame de Caluire. In: BANGE, P. (ed.). *L'analyse des interactions verbales*. Berne: Peter Lang, 1987. p. 15-81.
- HAVERKATE, H. *La cortesía verbal*. Estudio pragmalingüístico. Madrid: Gredos, 1997.
- HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 4.ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- KEIZER, E. The placement of extra-clausal constituents in Functional Discourse Grammar. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, v. 80, p. 89-121, 2020.
- KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford Textbooks in Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Le discours en interaction*. Paris: Armand Colin, 2005.
- KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, I. G. V. Interferências da Oralidade na Aquisição da Escrita. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 30, p. 32-38, 1997.

- KROON, C. Discourse markers, discourse structure and functional grammar. In: CONOLLY, H. J. (ed.). *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 1997. p. 17-32.
- LAKOFF, R. The Logic of Politeness: or, Minding Your P's and Q's. *Papers from the 9th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, v. 9, n. 1, p. 292-305, 1973.
- LAKOFF, R. The limits of politeness: therapeutic and courtroom discourse. *Multilingua*, v. 8, n. 2-3, p. 101-129, 1989.
- LINS, M. da P. P.; MARCHEZI, N. M. As estratégias de polidez e a organização tópica em entrevistas impressas. *Cadernos da NCLF*, v. 14, n. 4, tomo 3, p. 2378-2392, 2010.
- LOURENÇO, B. P.; GODOI, E. A polidez e seu viés cognitivista: uma aproximação da teoria da relevância. *Revista Versalete*, v. 5, n. 8, p. 41-60, jan-jun 2017.
- MACEDO, K. S. A construção da (des)cortesia na interação criança-adulto em perspectiva funcionalista e conversacional. In: *I Lingoc: Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição*, 1, 2014, São Paulo. *Anais*, São Paulo, USP, 2015. p. 102-113.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado no Brasil: novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. 7, p. 159-194.
- MICHAELIS. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Melhoramentos, 2015. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=OWQE>. Acesso em 25 nov. 2020.
- MOLINER, M. *Diccionario de Uso del Español*. Madrid: Gredos, 1998.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- REIS, E. S. *Procedimentos de atenuação e processo de cooperação para preservação da face em interações não polêmicas*. 2017. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- RODRIGUES, D. F. *Cortesia linguística: uma competência discursivo-textual*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G.; SACKS, H. The preference for self-Correction in the organization of repair in conversation. *Language*, v. 53, n. 2, p. 361-382, 1977.

SEARLE, J. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SOUZA, E. R. F. Gramática Funcional: da oração rumo ao discurso. *Domínios de linguagem*, v. 2, n. 1, p. 1-28, 2008.

TOSCANO, M. E. S. As relações interpessoais e a correção na língua falada. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 5, p. 119-134, 2001/2002.

TOSCANO, M. E. S. O papel da correção nas narrativas conversacionais. *Moara*, Belém, v. 13, p. 25-45, 2000.